Ano III (Segunda epoca) — *Sexta feira, 1.º de Maio de 1908.* — Num 14.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil)

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

1.º DE MAIO

Companheiros

Como todas as cousas deste mundo onde tudo é mentira, ipocrisia, jesuitismo, o **1. de Maio** vai perdendo pouco a pouco o seu primitivo caracter puro, assumindo o de uma simples manifestação festeira.

Ha companheiros que levantam no dia de hoje hinos ao trabalho, á paz universal, á armonia dos povos.

Triste ironia!

Festejar o trabalho quando ele é, como hoje, uma escravidão para nós, um castigo, um jugo que nos é imposto e que somos forçados a suportar; festejar o trabalho um dia cada ano quando por 364 dias a esploração do capital nos condena á mizeria mais negra, ás humiliações mais indignas, é absurdo, como é absurdo falar em paz e armonia nesta sociedade de lobos e carneiros, de escravos e patrões, de homens que tudo produzem e nada gozam e de outros que tudo gozam e nada produzem.

Nada de festejos, portanto, neste dia designado pelo congresso de 1889 para, reactivando enerjias e despertando conciencias, lançar o operariado no caminho de suas reivindicações, começando pela obtenção da jornada de **oito horas.**

Caiu no olvido o sacrificio dos martires de Chicago. E o operario de hoje, embora não querendo deuses, ao envez de lembrar a morte de seus companheiros como um incentivo a quebrar seus grilhões, vem pelas ruas, em charolas ridiculas, festejar o trabalho que o traz esfarrapado e esqualido.

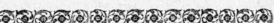
O **1. de Maio** foi desvirtuado e é necessario que nos lhe demos novamente a sua verdadeira caracteristica. Comquanto ainda não possamos fazer nada de pratico, podemos aproveitar o dia para uma larga e proficua propaganda no meio operario, arrancando-lo de seu torpor e imprimindo-lhe uma vigoroza orientação.

Festejar o trabalho actualmente é engrandecer bestialmente a escravidão do salariado. O operario conciente e briozo deve antes de tudo ser insubmisso e rebelde contra este estado de coizas, para o qual deve ter pronto o alvião demolidor.

Operarios!

Abandonemos o trabalho mas não para ir embriagar-nos ou para fazer qualquer passeio de recreio, mas para demonstrar a nossa força e para fazer ver aos nossos companheiros ainda incocientes que chega a nossa vontade para fazer trocar as coizas.

Hoje mais do que nunca, companheiros, devemos ezortar á luta os nossos irmãos, hoje mais do que nunca devemos dizer aos nossos patrões: «Somos fracos ainda e nada podemos fazer, mas dia ha de chegar em que, fortes e concientes, alcançaremos o logar que nos é devido e sobre esta sociedade de roubos e angustias instalaremos a verdadeira sociedade de homens livres e iguais. E então, só então, festejaremos o trabalho porque será para nós todos factor de bem e de prosperidade. Nesse dia, seja lá qual for, seremos verdadeiramente felizes; hoje o nosso coração, cheio de odio contra vós todos, nos faz subir á boca a eterna maldição.»

A Federação Operaria

O Primeiro de Maio

Sua origem historica

A manifestação operaria internacional do 1.º de Maio prende-se directamente com a aspiração das 8 horas de trabalho, pois é a data que marca o ponto culminante duma vasta ajitação popular pelas 8 horas nos Estados Unidos, em 1886.

A reivindicação das 8 horas tem por sua vez origem antiga. Não iremos, é claro, filiá-la naquela medida do rei inglez do seculo nono, Alfredo o Grande, que, *para si só*, em 898, dividiu a sua jornada em 3 partes iguais: uma dedicada ao seu *officio* de rei, outra ao estudo, á meditação e á prece, e a terceira ao repouso e cuidados corporais.

Mas já em 1832, Emilio de Girardin formulava dum modo preciso essa reivindicação, que depois se fez aspiração operaria e entrou nos programas minimos dos partidos socialistas.

Em 1861, começou na America do Norte uma ajitação em favor da jornada de 8 horas. Terminada a guerra de Sucessão, na qual trionfaram os Estados industriais, o governo, que precisava de apoio do proletariado industrial, fazia approvar uma lei estabelecendo a jornada de 8 horas para os operarios e empregados do Estado ou de empreiteiros e sub-empreiteiros de obras publicas.

Entretanto, os Congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em 1864, nomeadamente o 1.º (Genebra, 1866) e o 3.º (Bruxelles, 1868), approvaram moções favoraveis ás 8 horas. O mesmo faziam os Congressos Socialistas.

Nos Estados Unidos continuava a ajitação para alcançar essa conquista. Os canteiros de Chicago obtiveram-na em 1867. Em 1868, houve com esse fim innumeras greves, que, embora na maior parte perdidas, intensificaram o movimento. Em 1869, fundava-se em Boston a "Liga das 8 Horas", e em Filadelfia a associação dos "Cavalleiros do Trabalho", muito activa nos seus inicios. De 1870 a 1880, anno em que se fundou a Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá, as greves sucederam-se algumas enormes.

Em muitos Estados decretou-se a jornada legal de 8 horas; mas a lei ficava letra morta, e os operarios foram levados cada vez mais a ajir directamente para obter e conservar esse melhoramento.

Foi nestas circumstancias que, num Congresso celebrado em Chicago em outubro de 1884, se resolveu para o dia **primeiro de Maio de 1886** uma **greve geral** para a conquista da **jornada de 8 horas** de trabalho, começando-se uma vivissima propaganda para esse fim.

Durante 1885 houve, pelo menos, 250 boicotajens, mais de metade com bom ezito. Assim, um teatro de Nova-York, severamente boicotado durante mais dum mez, cedeu por fim em tudo, e ainda teve que dar 400 dolares para a caixa dos dezocupados, e, pelos mesmos motivos, foi o celebre e poderoso jornal, *New-York Herald*, obrigado a dar 500 dolars.

Foi então que as organizações operarias resolveram redobrar de actividade em favor das 8 horas.

Fez-se uma ajitação febril, entusiastica, ardente. Espalharam-se inumeros jornais e manifestos, realizaram-se comicios, manifestações ruidozas, cortejos formidaveis, e em todos os cantos se viam cartazes, boletins, etiquetas, repetindo em todas as linguas, insistentemente, como uma obsessão, a vontade e o conselho de levar a cabo a conquista.

O impeto foi tal que, antes do 1.º de maio de 1886, os patrões ja começavam a conceder as 8 horas, com o mesmo salario, é claro: antes daquela data mais de 30 mil trabalhadores viam satisfeita a sua reclamação. E na data ficsada, mais de 200 mil operarios alcançaram as 8 horas de trabalho.

O movimento não foi limpo de sangue: atestam-no os oito propagandistas que em Chicago perderam a vida ou a liberdade, bodes espiatorios sobre os quais a burguezia fez cair o seu ódio turvo, vingando-se neles, pelo suborno e pela falsidade, do que era acção e reivindicação de multidões.

Quando, em 1889 e 1890, os congressos socialistas propõem a manifestação universal do 1.º de maio, o proletariado aceita-a de boamente com o seu caracter reivindicativo. A greve geral é esboçada nos factos. E ainda no 1.º de Maio de 1891, o sangue proletario tinge o solo da Republica francesa, em Fourmies.

O proletariado francez retomou, com valor igual aos dos norte-americanos de 1886, a reivindicação que anda ligada ao 1.º de maio: e é este, por certo, o melhor modo de o celebrar..... Essa celebração obteve resultados morais e materiais e não foi abandonada.

Façamos nós tambem do 1.º de Maio um dia de necessarias reivindicações, uma etapa no caminho que o proletariado trilha em direcção á sua emancipação integral por meio da reorganização da oficina por si e para si, pela sua participação na riqueza social, pela posse comum dos meios de produção.

O Primeiro de Maio

(Tradução)

Vem, ó Maio, saúdam-te os povos,
em ti colhem viril confiança;
vêm trazer-nos cerúlea bonança,
vem, ó Maio, trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto matura,
á campina onde a messe futura
já florí sobre as negras queimadas!

Dezertai, ó falanjes de escravos,
da lavoura, da negra oficina;
um momento de trégua á fachina,
ó abelhas, roubadas dos favos!

Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo;
nos queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas.

Sofrimentos, ideais, juventudes,
primaveras de túrbido arcano,
verde Maio do género humano,
dai corajem aos ánimos rudes!

Enflorai ao rebelde caído,
com os olhos ficsando o nacente,
ao obreiro que luta, fremente,
ao poeta gentil, esvaido.

Orijinal italiano de Pietro Gori, para se cantar com a ária do côro da opera «Nabucco» de Verdi.

Festa ou revolta?

Como deve, ser comprehendido o 1.º de Maio por essa lejião enorme dos que trabalham?

D'esses que atravez de todos os tempos tem sofrido as consequencias d'uma vida cheia de sacrificios e de infamias?

Sim! Os que teem servido de pasto a todas as guerras horrorozas de irmãos contra irmãos; que no labutar constante no campo, na oficina, no escriptorio, na imprensa e no gabinete, arrastam uma vida de torturas morais e fizicas. Toda essa grande massa de esplorados, victimas de diversas coizas determinadas pela má organização social, devem recebel-o como festa ou como revolta? Creio que deve ser considerado como revolta, porque êle traduz claramente, não uma data festiva, mas sim, uma data luctuoza que os proletarios concientes jâmais olvidarão e que deram origem ao 1.º de maio.

Em Chicago, um punho de lutadores reune-se para dar orientação ao movimento operario; a policia na intenção de os aniquilar, põe em zecução uma medida *pavoroza*, que cauzou algumas victimas, prendendo depois infamemente, como responsaveis d'êla, 7 intelijentes lutadores, enforcando uns e condenando outros a trabalhos forçados, para por esta forma dar um golpe no grande movimento que se hia dezenvolvendo brilhantemente. Un congresso proclama o 1. de maio para os proletarios ezigirem direitos e para afirmarem as suas forças, imprimindo ao mesmo tempo um caracter rivolucionario, para as reivindicações economicas e sociais a conquistar. Porém, trocaram, por velhacaria ou por imbecilidade, ideias nobres e altruistas, por outras espectaculozas e ridiculas para atrofiar a enerjia dos trabalhadores, e inocularem nos seus cerebros a indolencia e o definhamento, coartando toda a acção individual e colectiva, que podesse conduzi-los para a cultura moral e intellectual.

Organizando-se cortejos ridiculos os trabalhadores são conduzidos para os cemiterios com muzicas, flores e fachas, e, depois de 2 discursos, não mais se pensa na situação miseravel em que se encontram. E vós; eternas bestas, deixae-vos arrejimentar á laia de carneiros, abdicando da vossa autonomia como se a ela não tivesseis direito!

Breve chegará o dia, em que, num impulso de revolta por tanta falta de dignidade, esclamarão:

Oh! Farçantes. Oh! Imbusteiros deixem-se de festas, porque o momento é de luta, deixem-se de pregar aos mortos, discursos cheios de retorica: vinde para as praças publicas, pregar aos vivos: sim, contra as injustiças sociais, escalpelando o insistente corrompido. Vinde espalhar raios de luz, nos cerebros incultos, para que eles adquiram a noção do seu *Eu*.

No actual momento historico, na situação decadente por que atravessamos, é necessario dizer ao povo trabalhador que uns lhe envenenam a conciencia, outros o estomago com diversas mixordias, e, ainda outros abuzando do poder, lhe cerceiam, todas as liberdades colectivas e individuais; por tudo, emfim, que tem victimado as gerações atravez os seculos, debaixo d'um jugo barbaro e tiranico.

E' urgente educar o povo, n'uma escola revolucionaria, fazel-o sair da indiferença profunda, em que, por largo tempo tem vivido.

Desperte-se o senso critico dos trabalhadores, para que eles conheçam onde reside a origem do seu mal, e qual a forma de o debelar.

Assim, honramos a memoria dos martires de Chicago, que pelejavam por um Mundo novo, iluminado pelo Sol da Liberdade. Finalmente, integrar o homem livre na Natureza livre.

Sebastião Eugenio.

O Primeiro de Maio

Ainda não é este, que surge, o primeiro de Maio que nos esperamos.

Mas chegará, não está muito lonje.

Os homens que pensam, que sofrem pelo mal-estar proprio e alheio, redobram seus esforços, multiplicam suas enerjias, em pró da Emancipação operaria; dessa causa de que se fala em todos os idiomas, que preocupa, tanto o obscuro trabalhador como o ilustrado sabio.

Em todas as partes vão aparecendo novos concientes, surgindo jovens e indomaveis rebeldes.

E chegará em breve, o novo primeiro de Maio, não só com a saudação timida e vacilante dos oprimidos, mas com um vigorozo e fraternal abraço que una num amplecso cordial e sincero, indistintamente, todos os homens da terra. Não ezistirá nem mizeria nem escravidão.

Dezaparecerá o egoista burguez, que hoje nos qualifica de injenuos utopistas.

Não suportaremos os pançudos parazitas que á nossa custa vivem, os padres que ludibriam os ignorantes com as suas mentiras, e tambem não ezistirá o soldado incociente, que nos espia para arrastarnos brutalmente a uma masmorra imunda.

MATILDE MAGRASSI

1º DE MAIO

Entre as efemerides humanas, uma data culminante se destaca gigantesca, como indicando o caminho a seguir no revoltozo mar da ezistencia; ás gerações prezentes e futuras.

Esta data por muitos conceitos grata para nós, é o 1. de Maio de 1886.

Data memoravel, que nós encina a rôta a seguir, para chegar á cidade feliz..... além longe; bem longe, para os lados onde nace o sol, no dizer belissimo de Pedro Gori.

Muito teria que dizer sob o 1. de Maio, a tão decantada e apregoada pela burguezia, festa do trabalho.

Neste dia, em que sob um mar vermelho de sangue se ergue a voz dos humanos protestando contra esse massacro constante de vidas preciozas, desde os enforcados de Chicago até os ametralhados em Fornieres, desde os fuzilados em Monjuich, até os assassinados covardes de Limoges, desde os espingardeados em Milão até os torturados em Alcalas del Val, desde os ametralhados em Equiques até os assassinados em Rozario e Buenos Ayres, desde as atrocidade canibalescas de Moscou e S. Petersburg até os desterrados para Timor.

E não só contra esta tirania, mas sim contra todas as tiranias, contra a tirania politica, contra a tirania economica, contra a Republica, que é o paraizo dos ladrões, contra a Monarquia, que é o Eden dos mediocres, dos senhores de baraço e cutelo, contra o ezercito, que é uma orda de assassinos, finalmente contra tudo o que se antepõe ao progresso do genero humano em sua marcha constante para o porvir!

Neste dia, como ia dizendo, lá vêm os jornais burguezes com colunas cheias de asneiras, cantando hinos á festa do trabalho!

Festa dó trabalho?!

Como se pode admitir que o operario festeje o trabalho sendo, como hoje é, brutal e aniquilador?

Como se pode festejar o trabalho hoje, que é fonte de dores para nós, e de riqueza para os que o monopolizaram?

Como podemos festejar o trabalho hoje, que é para nós operarios mensajeiro de morte?

Não, sicarios do jornalismo; não, caros politicantes; não, palhaços de feira; não, negociantes de balcão; o 1. de Maio não é dia de festa, porque não é admissivel haver festa no seio das multidões famintas, sedentas de moral de equidade de justiça! Se os mortos pelo trabalho, por esse trabalho que hoje glorificaes, pudessem falar êles vos chamariam mil vezes infames, vendilhões!

Mas, não vos apoquenteis a festa do trabalho, ade ser uma realidade no futuro, porém nesse dia, os esploradores de todos os tempos, hão de trabalhar si quizerem comer, os homens emancipados trabalharão cada um conforme suas forças, e consumirão conforme suas necessidades, e sem parazitas, sem sanguezugas, esploradores: «O homem livre sobre a terra livre».

Até lá, o dia 1. de Maio não pode ser um dia de festa, de farsa, de folgança rotineira, obrigada a muzica e foguetes.

Tambem sou contrario dos que têm o 1. de Maio, como uma data ficsa para a luta; porque para lutar todos os dias, são dias, todos os momentos são bons, todas as horas são a propozito.

O 1. de Maio é como a bussola para o marinheiro, é o guia da caravana humana, que caminha sempre sem desfalecimentos por entre a tormenta da vida, para além para o desconhecido, onde «tendo a verdade de um lado, de outro a liberdade, ver-se ha caminhar a pura humanidade, a face toda amor da fraternal justiça!»

O 1. de Maio de 1886 foi a data em que, pela primeira vez, a classe operaria ergueu sua voz potente em prol da jornada de 8 horas, sob cuja bandeira, de então para cá, tem lutado a falanje operaria, esgrimindo como armas, novas teorias que têm arrancado os timidos os imbeles, os incautos ao ostracismo e enchido de terror o capital.

Ao principio estas teorias foram consideradas por uns como utopisticas, por outros como temerarias.

Porém, apezar de tudo, êlas tem-se alastrado, com a rapidez da electricidade, e como êla, derramam brilhante jorros de luz sobre a humanidade; luz abrazadora, que, empolgando os espiritos, dando vigor ás almas, vae clareando cada vez mais, a senda a caminhar, a estrada da emancipação humana; luz che pôe em claro a podridão do regimem prezente, uzurario e mercantil, erijido sobre o sangue de mil gerações escravas; luz que nos deixa ver claramente as desigualdades sociais: Uns que mandam, outros que são mandados, ali o senhor, aqui o escravo, ali o esplorador, aqui o esplorado; de um lado a estrema opulencia, de outro a estrema mizeria.

No entanto, como disse Gori «A terra é de todos, como o ar, como o sol, como a luz.»

Ela não reconhece fronteiras nem marcos divizorios; para todos tem os mesmos afagos, para todos tem as mesmas caricias; ela a nos soriu como o ar puro dos campos, com o perfume das flores, com o murmurio do mar; ela nos enleva, ela nos encanta, com sua grandioza fecundidade, com suas imensas florestas com suas mimozas campinas.

Em seu seio ha lugar para conter todos os desgraçados que vejetam sem lar, nem leito. Não será, então, um crimen deixar que meia duzia a monopolizem?

Meditai, trabalhadores, raciocinai, para que um dia, possais reivendicar vossos direitos! eis ao que o 1. de Maio vos convida.

Ao surgir no horizonte, a aurora belissima do 1. de Maio, todos aqueles que labutam com o cerebro e com o musculo, entóem um hino, unizono e vigorozo; «grito sublime de furor profundo, que ainda um dia ha de redimir o mundo»; dando assim uma senha de verdade, ás palavras dos martires, que desde o patibulo dizeram «Tempo ha de vir em que o nosso silencio falará mais altos das nossas vozes.»

E assim é: Hoje Chicago dorme tranquilla, e por sobre o tumulo dos martires, dos heroes, paira uma atomosféra de paz e de armonia, emquanto sua obra ai está imortalecida.

Mais que uma vez se confirma este pensamento: «os mortos, governam cada vez mais os vivos».

Trabalhadores!

Lançai-vos á luta, dai toda vossa energia e valor ao 1. de Maio, pois o 1. de Maio, será o que nos queiramos que seja.

Operarios! o vosso braço hoje deve parar, dezertai do trabalho, demostrai ao menos por um dia ao capital, que sois a força e o numero, assim fareis obra util, social, humana e racional.

Santos 25 de Abril de 1908.

E. CEZAR ANTUNHA.

Reflecsões

Esaminando toda essa ajitação que, de um canto a outro do globo, se vem manifestando, por parte dos trabalhadores, forçozamente teremos que sentir uma satisfação.

E' que vimos nela, a marcha segura para uma sociedade livre e igualitaria que esteje mais de acordo com as necessidades humanas, onde impere a paz, a justiça e o amor.

Outro não pode ser o epilogo. Depois de tantos sacrificios, depois de tantos anos de luta tenaz e constante em que os trabalhadores vieram preparando o proprio espirito ganhando dia a dia mais animo e entusiasmo: o bôm ezito torna-se inevitavel.

A classe dominante vai perdendo as forças; dia para dia impotente decâe deante dos golpes certeiros que os trabalhadores lhe atiram e por mais que tente amparar estes golpes, nada consigue, os meios começam a escassear, as istituições vão perdendo todo o prestijio que gozavam.

A religião vae perecendo velocemente, o militarismo é hoje unicamente aceito como uma impozição, facto este que demonstra bem claramente a sua procsima fim. A magistratura e o governo instituições deturpadas, tambem se encontram na mesma situação.

Tudo emfim nos demonstra que tantos males a que está sujeita a classe trabalhadora desaparecerão para dar logar á verdadeira vida, a uma ezistencia de homens, onde haja pão e alegria para todos.

Num dia como este em que mais viva se torna em nós a recordação de tantos martirios a que foram sujeitos aquêles que mais contribuiram para a realização desse passo gigantesco dado pelos trabalhadores, uma vontade de indomavel se apodéra de nôs: vingal-os, continuando com mais ardor a obra fecunda por êles encetada.

Sim, camaradas de todo o mundo! Mostremos a todos os despotas que êles assassinando os homens não assassinam a Verdade, o Ideal, êle ai fica, alastrando-se em toda a parte, apoderando-se de todos os cerebros bons e guiando os homens para o caminho do bem, preparando-os para que um dia não longiquo seja um facto o triumpho da justiça humana.

Luiz La Scala

O Canto dos Trabalhadores

(IL CANTO DEI LAVORATORI)

Companheiros! Companheiras!
Levantai-vos! vinde em massa!
O pendão livre esvoaça
Ao sol claro do porvir!

Nos insultos e nas penas,
Mutuo pacto nos aperta;
A grande obra que liberta,
Quem de nòs a irá trair?

São os filhos do trabalho
Quem o ha-de redimir;
Ou viver pelo trabalho,
Ou lutando sucumbir?

Pelo campo e pela mina,
A buscar um magro ganho,
Somos brutos dum rebanho,
Tosquiados p'lo patrão.

O senhor por quem lutamos
Não nos dá direito á vida;
A ventura prometida,
Quando a vemos nòs então?

São os filhos do trabalho, etc.

Entre as maquinas deixamos
Corpo e cérebro aos pedaços;
Hão-de á força os nossos braços
Terra alheia fecundar.

O instrumento do trabalho,
Entre as mãos dos homens novos,
Mate os odios entre os povos,
Chame o justo a trionfar.

São os filhos do trabalho, etc.

Separados, somos fracos,
Somos fortes bem unidos;
Dá vigor aos oprimidos
Quem tem braço ou coração.

Tudo vem do suor nosso;
Derrubar, erguer podemos;
Seja a senha: despertemos!
Foi bem longa a sujeição.

São os filhos do trabalho, etc.

O' irmãs no sofrimento,
Companheiras nos enganos,
Que aos negreiros, que aos tiranos,
A belleza e sangue dais;

Aos submissos, aos imbeles,
Não mais deis vosso sorriso!
Para o ezército indeciso
Os desastres são fataes.

São os filhos do trabalho, etc.

Maldição a quem se espoja
Nos banquetes, nas orgias,
Junto a quem passa o seus dias,
Sem um pão e sem amor!

Maldição a quem não sofre
Com a atroz miseria alheia,
E de paz nos palavreia
Sob a pata do opressor!

São os filhos do trabalho, etc.

Guerra ás patrias, apaguemos
Os confins do mundo inteiro;
Que o inimigo, que o estrangeiro,
Não é longe, é entre nós!

Guerra á guerra, sem descanso!
Sem descanso, morte á morte!
Do direito do mais forte
Já o termo vem veloz!

São os filhos do trabalho, etc.

Se a igualdade não é fraude,
Ironia, falsidade
O clamor fraternidade
O viver livre e viril:

Eia avante! companheiros,
Que nós todos somos servos;
Com os fracos e protervos
Transigir é baixo, é vil!

São os filhos do trabalho, etc.

Boicotai os Productos Matarazzo!

Supplemento ao N. 14 da LUTA PROLETARIA

RELAÇÃO
DO
SEGUNDO CONGRESSO OPERARIO ESTADOAL

Reuniu-se em S. Paulo nos dias 17, 18 e 19 deste mez o segundo Congresso Estadoal.

As ezijencias do espaço sò permittem que façamos neste numero a relação das discussões e a publicação das moções aprovadas. Como, porem, se patenteia a necessidade de uma mais ampla e livre discussão sobre os assuntos, alguns aliàs muito importantes, tratados no nosso congresso continuaremos, nos prossimos numeros a publicar artigos nossos e de activos companheiros referentes as questões discutidas no Congresso.

Primeira Sessão

(*Dia 17 de Abril às 8 horas da noite*)

Julio Sorelli, por encargo da Federação Operaria Estadual, declara abertas as sessões do Segundo Congresso estadoal e convida os prezentes a iniciar os trabalhos do mesmo.

E' nomeado para a prezidencia o compº. João Barboza, secretarios, Pilades Grassini e Luiz La Scala.

Procede-se à verificação de poderes e ao apelo dos congressistas que dá o seguinte rezultado:

Sociedades reprezentadas.

De São Paulo:

«União dos Chapeleiros» — delegados: Attilio Gallo, Affonso Conteri.

«União dos Graficos» — Edgard Leuenroth, Lorenzo Monaco.

«Liga dos T. em Madeira» — Francisco Ruis, Vittorio Garelli.

«Sindindicato dos Metalurjicos»: — Oreste Boschetti, Antonio de Oliveira.

«Sindicato dos T. em Veiculos» — Ulysses Barili, Giacomo Zucca.

«União dos Pedreiros» — Giuseppe Cavicchioli, Onofrio Vela.

«Liga dos Vidreiros de Agua Branca»: — Teppeth Battista, Orsi Daniele.

«Sindicato dos Trãb. em Olaria» — Vagari Gerolamo, Castellano Francesco.

«Sindicato dos Transp. de Tijolos»: — Adolpho Angiolino, Miguel Ballerori.

«Sindicato Trab. em Pedra e Granito» — Bigallo Francesco, Antonio Esposito.

«Sindicato dos Alfaiates»: Francesco Sacchi.

De Campinas:

«Liga Operaria»: delegados Ramon Durão, Paulino Sant'Anna.

De Amparo:

«Liga Operaria» delegados: João Barboza, Julio Sorelli.

De Santos:

«Sindicato dos Pedreiros» — delegado: Luiz La Scala.

«Sindicato dos Carpinteiros» — Luiz Bento.

«Sindicato dos Funileiros» — Ignacio Dertonio, Alfeo Ambrogi.

De Jundiahy:

«Liga Operaria» — delegados: Andrea Ciccomartini, Antonio Marsiglio, Gaetano Nacarato

De S. Bernardo

«Sindicato dos Tecelões» — Valentino Rossi, Michele Chiara.

«Sindicato dos Marceneiros — Henrique Peyrer, João Porta.

De Espirito Santo do Pinhal:

«Liga Operaria» — Grassini Pilade, Ernesto Ferrari.

De Limeira:

«Liga Operaria» — Alessandro Raimondi, Antonio Compaña.

Não intervêm ás reuniões os seguintes Congressistas: Antonio de Oliveira, Giacomo Zucca, Alessandro Raimondi.

E' lido um oficio dos «Pintores de Santos» que a ultima hora decidiram de não aderir ao Congresso *por ser êle em contradição com o sindicalismo revolucionario.*

Passa-se a dar leitura à seguinte:

Relação da Federação Operaria

Companheiros, amigos:

Ao iniciar as sessões deste segundo Congresso operario è nosso dever trazer ao vosso conhecimento o trabalho que temos feito neste ano e meio que nos separa da realização da nossa primeira Conferencia Estadoal. E com aquela franqueza com a qual temos sempre feito frente às nossas àções vos dizemos antes de começar: Quaesquer possam ser as considerações que a nossa relação provocará, nos ezijimos que èlas sejam manifestadas clara e publicamènte por parte de todos: amigos e adversarios.

Não fazemos a istoria do nosso movimento no periodo que vai desde Dezembro 1906 até Abril 1907. Foe este um periodo, para assim dizer, de preparação. O ultimo congresso operario Estadoal tinha deixado em muitos de nòs uma convinção: A necessidade de fazer alguma coiza de serio, de lançar-mo-nos a um movimento, o maior possivel, para sair dum estado de inercia insuportavel e para ver até que ponto poderiamos nós contar sobre a massa operaria do nosso paiz, até então apatica, indiferente a toda ideia de organização de classe. E os primeiros mezes apòz a realização da conferencia foram precizamente dedicados a preparar pacientemente as nossas forças para um ataque decizivo.

A classe onde, então, podiam-se fazer com probalidade de ezito as primeiras tentativas era a dos trabalhadores em veiculos, onde mais de que nas outras classes, podiamos contar com um grupo de companheiros enerjicos, ativos, decididos. E quando soubemos que a classe dos Trabalhadores em Veiculos ia lançar-se á conquista das 8 HORAS DE TRABALHO aceitamos a ideia com muito entuziasmo. Teriamos, assim, começado seriamente um periodo de luta agudo e, o que mais importa, tendente ao conseguimento de uma das melhores reformas proletarias. De facto no dia 23 de Março 1907 a classe dos trabalhadores em veiculos declarou a greve geral iniciando assim em S. Paulo e no Brazil, a primeira luta verdadeira pelas 8 horas A luta durou cerca de um mez com um suceder-se de ansias, de temores, de esperanças, aliás muito naturais; se se considera a importancia que este movimento podia ter no nosso meio operario. As esperanças foram realizadas por completo, e no dia 18 de Abril numa reunião mista de proprietarios e operarios das fabricas de veiculos, á qual interveiu o então nosso secretario, foe sancionada a victoria da greve por parte dos nossos companheiros. As 8 horas tinham sido ganhas pela áção diréta de uma classe de operarios.

Foe esta, como esperavamos, a faisca que deu orijem ao incendio que devia inflamar mais tarde proporcionando ao nosso operariado a ocazião de dar um passo adeante no caminho do progresso.

Tinha apenas acabado o movimento dos trabalhadores em veiculos, quando os operarios adebidos ao « Moinho Matarazzo » pediram o nosso apoio e os nossos locais para a fundação duma liga de rezistencia. Primeiro passo da Liga foe de lançar os operarios num movimento grevista pedindo aos proprietarios do moinho o aumento de 1$000 por dia para todos os operarios e de 50 °|₀ para o trabalho estraordinario. Como era nosso dever não deixemos de dar aos grevistas do moinho o nosso apoio incondicionado; mais, deste movimento saiu a ideia de uma ação de Bicottaje que, pelas suas proporções, era a primeira no nosso meio operario. Quando, depois de quazi uma semana, vimos que a ação dos crumiros e a imprudente prepotencia do patrão punham em serio perigo o rezultado da greve, decidimos numa nossa assembleia geral, por em pratica um meio que julgavamos oportuno: Boicotar os productos da Caza Matarazzo, cazo as jiustas ezijencias dos operarios não fossem attendidos. E antes de por em pratica esta deliberação enviemos uma comissão dos nossos conferenciar com o senhor Matarazzo para comunicar-lhe a deliberação da nossa Federação. O Matarazzo foe inflecsivel. Disse que a àção de Boicottajem não o amedrontava e que nada êle receiava de nós.

A greve acabou, como tinhamos previsto, com uma derrota e algumas dezenas de operarios foram pelos proprietarios postos fôra da fabrica.

Iniciemos então o Boicotte. De principio os rezultados foram superiores quazi ás nossas esperanças. Amigos, companheiros, simpatizantes, todos aprovaram com entuziasmo a nossa iniciativa e o Boicotte poz em serio perigo a colossal fortuna da Dita Matarazzo. Diversas fazes atravessou esta iniciativa e, de vez em quando, não deixemos de trazer ao vosso conhecimento, companheiros, a nossa acção por meio de manifestos e avulsos. Ninguem ignora portanto que o senhor Matarazzo em vista dos grandes prejuizos que lhe trazia o nosso Boicotte tentou, por entermedio do Snr. Dante Ramenzoni, chegar a um acordo conosco; acordo que não foe realizado por uma simples questão de principio. O senhor Materazzo acedia a todas as condições que lhe tinhamos imposto pela cessação do Boicotte, mas recuzou-se terminantemente de assumir publicamente a responsabilidade que lhe cabia e que nós esijamos fosse trazida ao conhecimento do publico.

Outros movimentos, outras iniciativas vieram, depois, ocupar toda a nossa actividade e o Boicotte á Caza Matarazzo esfriou-se ao ponto de não prezentar actualmente esperanças de victoria. Alguem nos quiz enculpar a nós este esfriamento, injustamente porem, pois, se culpa houve, èla deve ser dividida em partes eguais entre todos os que nos tinham prometido apoio e que este apoio abandonaram depois. Isto não quer dizer, porem, que o Boicotte á casa Matarazzo deva ser descurado, pelo contrario, numa reunião de operarios sindicatos daqui foram tomadas providencias para uma nova actividade a este respeito, sendo nomeada uma comissão com o esclusivo encargo de cuidar da iniciativa, e a Federação Estadoal decidiu levar a questão á discussão do prezente Congresso.

E ei-nos a falar do periodo de luta mais agudo e mais fecundo de rezultados que teve principio em Maio de 1907.

Apóz a victoria dos Trabalhadores em veiculos a ideia das 8 horas de trabalho tinha-se imposto em S. Paulo e dejá nos primeiros dias deste mez notava-se entre nós aquele fermento que precede sempre as grandes ajitações. De facto no dia 3 de Maio começou nalguma oficina uma greve de Metalurjicos para a conquista das 8 horas de trabalho. Tencionavam os metalurjicos proceder parcialmente na sua luta: isto é, ganhar a reforma nalgumas oficinas e depois continuar successivamente nas outras.

Do dia 3 até o dia 14 de Maio sucederam-se continuamente os movimentos de greve. Greve geral declararam os Pintores, Pedreiros, Marmoristas, Canteiros, Tipografos, Funileiros, Chapeleiros, tecelões: parcialmente puzeram-se em greve os trabalhadores em madeira, os sapateiros e todas as outras classes de operarios, escluidos somente os empregados de bonds que têm sempre descurado o movimento operario da cidade. Todos estes operarios almejavam a conquista das 8 horas de trabalho. Alguem dos nossos quiz fazer notar a necessidade de que o movimento não se generalizasse, e tencionavamos aconselhar os operarios que esperassem até algumas das classes em luta conseguir as 8 horas para depois começar a luta nas outras. Isto nos foe impossivel. Não havia força humana que podesse deter a espansão do movimento, tanto era o entuziasmo de que estavam animados os operarios daqui. Em Campinas, Santos, S. Bernardo e outras localidades do interior a luta tinha sido começada tambem renidamente e ali como aqui o movimento pelas 8 horas fazia esperar bem.

Sem ter em conta nenhum sacrificio, redobrando os esforços de actividade, enfrentemos a situação e, dia a dia, novas victorias vinham trazer novos entuziasmos a nós e a todos.

Estavam as coizas neste pé quando, inesperada, injustificada, abuziva, veio a intervenção brutal da policia que no dia 14 de Maio assaltou, servindo-se de soldados de carabinas embaladas, a sede da nossa Federação conseguindo prender o secretario e mais vinte companheiros.

A agreção da força bruta fiz con que as coizas trocassem de um momento para outro.

Coajidos, debandados, prezos alguns dos membros da velha comissão federal, outros companheiros entraram no mesmo dia na brecha. Foe publicado na imprensa local do dia immediato um vibrante e enerjico manifesto e a nova comissão continuou a se reunir secretamente em cazas de amigos e companheiros, emquanto, por sua parte, os grevistas realizavam as suas reuniões nas mattas dos arredores da cidade.

Somente la pr'a fim de Maio pude ser estabelecida uma certa normalidade em nosso meio industrial com os seguintes rezultados:

Ganharam as 8 horas de trabalho os Pintores, Pedreiros, Marcineiros, Carpinteiros, Chapeleiros, Marmoristas, Canteiros, Encanadores, Trabalhadores em passamanerias, Trabalhadores em Veiculos dè S. Paulo e diversas classes de operarios nas cidades de Campinas, Santos, Jundiahy e S. Bernardo.

Os metalurjicos tinham ganhado as 8 horas nalgumas oficinas e continuavam em greve nas outras, os graficos, tecelões, sapateiros e outras classes de operarios tinham conseguido tambem algumas melhoras de horario.

Desde então nos dediquemos a um trabalho de nova organização.

Procuremos de principio obter dá policia o direito de reunião nos nossos locais e a entrega dos moveis que nos pertenciam, sendo até alguns de propriedade individual de amigos e companheiros nossos. Todos os esforços porem feitos com meios legais, resultaram vãos, e era natural que isto acontecesse.

Os moveis que nos tinham sido roubados não nos foram restituidos por quantos requerimentos fizessemos á autoridade policial.

E' natural que tal inqualificavel abuzo não devia impedir a nós a realização da nossa tarefa e, convencidos duma grande verdade: que contra a força bruta não ha razão que valha, decidimos proceder á instalação da nova sede social.

Pela fim do mez de Julho os metalurjicos das duas cazas em greve — Lydgervood e Mecanica — estenuados por uma luta que durava a mais de 2 mezes, traidos na sua acção pelos crumiros, pobres inconcientes vendidos — baixaram a cabeça apezar de todos os esforços feitos para lhes proporcionar a victoria. Isto trousse de consequencia uma nova acção dos outros proprietarios de oficinas que já tinham concedido as 8 horas e os metalurjicos, desprovidos, dezanimados pela recente derrota assojeitaram-se momentaneamente á impozição do novo horario de 9 horas; e dissemos momentaneamente porque, mesmos nestes dias que nos reunimos a congresso nota-se entre a classe vma seria ajitação para conquistar novamente as 8 horas de trabalho.

Mais felizes têm sido os trabalhadores em madeira quando, em Setembro de 1907, receiando, e com razão, a imposicão de maior horario por parte dos patrões, não esperaram a agreção, mas, energicos e decididos, tomaram èles mesmos a ofensiva com um novo movimento geral da classe, que conseguiu mandar de pernas pelo ar a nova sociedade de patrões e confirmar solenemente a conquista das 8 horas.

Entretanto o incremento sempre maior do movimento operario e a necessidade de arrastar o movimento nos principais centros industriais do Estado, fez nacer em nós a ideia de fundar em S. Paulo uma federação lócal que tomasse a si o encargo da propaganda e da àção na cidade, deixando á Federação Estadoal maior tempo e facilidade de iniciar a propaganda no Interior. E apóz diversas reuniões preparatorias foi constituida em Setembro a nova «União dos Sindicatos» que grande parte teve nos ultimos nossos movimentos entre os quais o mais notavel o das Costureiras de carregação que deu como rezultado a organizaçao desta classe de operarias e a conquista por parte délas de algumas melhoras, embora não todas as que tinham sido pedidas.

Porem o ano 1907 tão cheio de vida e de luta, que tantos ensinamentos e beneficios nos troussera, devia fechar-se com uma derrota proletaria. A classe dos Chapeleiros, até então uma das mais enerjicas e combativas, viu-se forçada a iniciar, no fim de Dezembro do ano passado, uma luta contra 4 proprietarios de fabricas que se haviam coalizado com o fim de suprimir o horario de 8 horas. Dois dêles cederam logo comprometendo-se de não alterar o horario, os outros dois continuaram protejidos pela policia, na sua ostinação de não querer ceder. Não deixemos, tambem nesta ocazião, de pôr em pratica a nossa activade de operarios militantes. Pedimos pelos Chapeleiros o aussilio material de todas as classes, e se este aussilio não correspondeu ás esperanças dos grevistas e a necessidade do movimento é devido, mais do que tudo, ao estado de estenuação material em que se achava o proletariado do Estado apóz um ano de luta aguda e renhida. Depois de dois mezes de luta levada a cabo pelos grevistas — digamolo francamente — com uma certa enerjia; os proprietarios das duas fabricas de chapeus conseguiram abalar a tenacidade dos grevistas que foram subjugados por cauza do grande numero de vagabundos que os proprietarios puderam arranjar e que foram adebidos em substituição de operarios a cuidar o funcionamento das maquinas. Nestas duas cazas continua a vigorar o horario de nove horas, emquanto que nas outras: isto è, na grande maioria da classe, o horario de 8 horas continua a ser respeitado.

Tambem os trabalhadores em olarias — uma classe que veiu em Setembro ultimo ao nosso movimento associativo — nos deu oportunidade de por em pratica a nossa àção de lutadores e, desta vez, foe èla coroada pelo mais feliz dos successos, pois bastaram 18 dias de luta para que os trabalhadores em olarias obtivessem uma victoria completa no seu movimento no qual ezigiam o aumento de 20 0/0 no preço da mão de obra.

* * *

Feita esta rapida cronistoria do nosso movimento nos resta agora a demonstrar em linha geral, a acção posta em pratica pelo que se refere á propaganda da ideia de organização de classe e àos metodos de luta adotados.

Falando sobre este assunto devemos confessar que ha ainda ainda uma grande deficencia de movimento operario no interior do Estado escepção feita dos maiores centros iudustriais que têm procedido de par conosco na propaganda e na àcção. E disto sentimos, em conciencia, de não sermos nós os culpados. A propaganda no interior do Estado ezije forçozamente uma despeza não insignificante para o envio de propagandistas e nós, apezar da boa vontade, temos encontrado a nossa frente um obstaculo insormontavel. A falta absoluta de recursos que têm impedido a nossa activdade neste sentido e inutilizados os nossos esforços que tendiam arastar o movimento para o interior do Estado.

Como remedio a este lastimavel estado de coizas decidimos a fundação de um jornal semanal, orgão esclusivo da nossa classe, em vista tambem que os ultimos acontecimentos vieram demonstrar-nos em que conta devemos ter o apoio da imprensa burgueza ou que se diz operaria, sempre pronta a recuzar-nos este apoio e a dirijir-nos a nòs os mais grosseiros insultos sempre que a nossa acção venha lezar os interesses da burguezia o de algum seu leal amigo e companheiro. Dà prova deste facto o « Boicotte » que fomos forçados a declarar ao jornal local « Il Secolo » que, depois de ter iludido a bôa-fé dos nossos amigos dizendo-se defensor dos direitos operarios, deu, quando o julgou oportuno, um pontapè as suas, assim chamadas, idealidades, para gritar aos quatro ventos os elojios mais descarados ao Sr. Matarazzo falsando escandalozamente a verdade dos factos, e isto emquanto mais viva era a luta entre nòs e aquela caza.

Tudo isto e a necessidade urjente de despertar do seu sono letarjico os operarios, particularmente, dissemos, os do interior do Estado,

convenceu-nos da necessidade de dar vida a um nosso orgão oficial confiados de que a nossa actividade venceria afinal contra a falta de recursos. De facto puzemos mão à obra e a « Luta Proletaria » vencidas, com sacrificio de todos, as primeiras dificuldades chegou hoje ao seu 13.° numero e continuará, custe o que custar, a trazer os seus bons rezultados ao nosso movimento.

E que estes rezultados acenem a manifestar-se desde já, faz prova o principio de despertar que se denota até no interior do Estado como Jundiaì, São Bernardo, Ribeirão Preto especialmente e mais debilmente em outras localidades do Estado.

Pelo que se refere á nossa tactica na luta temos seguido *escrupolozamente* o caminho que nos foi marcado pelos ultimos congressos: « A' acção direita no seu verdadeiro sentido da palavra »

Por isto temos impedido a intromissão no nosso movimento de elementos estranhos, sempre daminhos, por isto temos deixado ás nossas associações a mais completa autonomia de ácção limitando-nos á aconselhar e subjerir em qualquer cazo o interessamento directo e escluzivo dos operarios em luta, por isto, sem fazer cazo das gritarias interessadas dos adversarios, procuremos restringir a accão dos nossos sindicatos ao unico metodo de luta compadivel no nosso meio: A rezistencia e a luta a todo transe conta a classe adversaria.

Tambem pelo que se refere á nossa acção perante os partidos polificos cremos, em conciencia, de ter respeitado aquela neutralidade que é a mais certa garantia da boa armonia entre os que se dedicam ao nosso movimento. Poris o nós recuzamos de aderir directamente á iniciativa do local « Centro socialista Paulistano » por uma agitação « Pro França Leiga » como não achemos oportuno agremiar-nos á um Comité surgido por iniciativa de alguns libertarios para a « Agitação dos inquilinos. » Aceitamos, porem, neste segundo cazo a ideia, que nos pareceu bòa, e teriamos começado a ajitação em nosso meio e com os nossos metodos de acção se esta iniciativa não tivesse, por cauzas que não queremos indagar, naufragado.

Veio por ultimo a ajitação contra o serviço militar obrigatorio iniciada com muita actividade pela Federação Operaria do Rio de Janeiro. A acção contra o militarismo entra, sem duvida, no nosso programa de luta economica e áceitemola limitando-nos até agora a preparar o terreno entre as massas operarias esperando que o tempo e o ambiente nos permitam de fazer algo mais como seria nosso desejo.

Eis, em sussinto, tudo quanto podemos dizer para justificar deante de vós — caros companheiros — a nossa acção e acabamos pondo a mesma á vossa aprovação certo de que, qualquer possa ser o vosso juizo, a nossa conciencia não tem nada, absolutamete nada o censurar-nos.

A Federação Operaria
do Estado de S. Paulo

Monaco — Nada tem a dizer respeito da relação porque esteve fora de S. Paulo por muito tempo. Limita-se a citar frazes de um manifesto publicado pela Federação a dois anos e meio. Diz que a Federação tem caracter anarquista, coiza esta que prejudica o movimento por ser contraria ás ideias de uma parte de operarios.

Sorelli — O Monaco não deve-se limitar a fazer afirmações, mas deve trazer factos. Convido o companheiro a citar um só cazo em que a Federação tenha abandonado a sua neutralidade.

Edgard — Os actos da Federação se discutem sempre que seja precizo e não se espera para isto a realização dum Congresso. A relação da Federação è apenas uma acta e so se deve discutir se os factos citados são ou não verdadeiros. Acho que não se deve continuar a discussão sobre o caminho pelo qual foe enveredada.

Gallo — E' do parecer do Edgard.

Sorelli — Não está de acordo con Edgard e cré que a discussão continue.

Edgard — Responde ao Monaco: Os anarquistas foram até agora os mais activos no movimento operario e è muito natural que êles procurem dezenvolver ali a propaganda das suas convinções. Porque *os criticos* não fazem o mesmo e não vèem no movimento para tambem ter a facilidahe de devulgar as suas publicações?

Rossi — Pede esclarecimentos sobre a boicotajem ao *Secolo*. Diz ser esta uma medida injusta, pois ha outros jornais mais burguezes que defendem o Matarazzo e não foram boicotados.

La Scala — Pede o encerramento da discussão sobre este assunto.

Outros congressistas são do mesmo parecer. E' votado o encerramento e aprovado pela maioria.

Discute-se o 1.º Tema.

E' necessario que as organizações continuem na atitude de completa neutralidade em frente dos partidos politicos?

Liga Operaria, *Amparo*
Liga O. de Campinas, Federação Operaria

Sorelli — E' esta uma questão, para assim dizer, de praxe. Em todos os congressos operarios, em qualquer ocazião, os trabalhadores sindicados não deixam de trazer á baila tal importante assunto, e sempre, ou pelo menos na grande maioria dos cazos, a resposta è esta: «Os sindicatos operarios devem forçozamente ser livre de qualquer injerencia dos partidos politicos, devem ser, em frente deles, completamente autonomos.»

Bastaria citar aqui um unico argumento para que fosse patenteiada desde já a necessidade da neutralidade politica: Os sindicatos agrupam os operarios de todas as crenças e opiniões politicas no unico fito da luta contra o capital e portanto è necessario evitar que predominem nos sindicatos operarios os metodos luta de um determinado partido politico, porque è muito natural que os operarios que estes metodos não condividem, não somente abandonariam o sindicato, mas procurariam guerrea-lo e pôr obstaculos à sua acção.

Ha cazos, porem, em que os sindicatos operarios não se podem esquivar de iniciar uma acção que possa ser enterpretada como politica. Por ezemplo, o antimilitarismo, a reação contra os abusos das autoridades e outros assuntos da mesma natureza. Nestes cazos tambem, os sindicatos operarios devem conservar a sua neutralidade e adotar um metodo escluzivamente de classe que tenha a aprovação de todos os operarios sindicatos quaesquer sejam as suas convincções politicas.

Aprezenta á aprovação do Congresso a seguinte moção:

Considerando:
Que as organizações proletarias, na sua luta contra o capital, precizam agremiar operarios de todas as ideias e tendencias politicas:
Que, portanto, a adezão directa ou indirecta das nossas Ligas a um determinado partido politico, veria trazer no seio do movimento operario discordias e questões que muito prejudicariam o dezenvolvimento do mesmo e a solidariedade necessaria na nossa luta contra o capital.
Considerando, porem, que na acção *economica* podem os nossos Sindicatos achar-se obrigados a enfrentar questões que tenham um relativo caracter politico, questões que, as vezes, não podem ser de modo algum descuradas:
O Segundo Congresso Estadoal Operario, delibera que as Ligas de Rezistencia continuem na mais absoluta neutralidade, perante os diversos partidos politicos, e, no cazo que se vejam arastadas para alguma àção que possa ser compreendida como politica, esta deve ser feita de acordo com uma tactica que seja livre de qualquer intromissão estranha e aceite pelos operarios de qualquer partido ou tendencia politica.

Monaco — E' de acordo com a moção apresentada que corresponde, diz, as esijencias do movimento.

Edgard — Acha a moção um tanto ambigua, pois deixa marjem a que os politiqueiros aproveitem para trazer no nosso movimento as suas questunculas e as suas ideias de conquista.

Sorelli — Pode ser que haja na moção defeitos de redação ou que êla tenha sido mal compreendida pelos congressistas, mas as minhas ideias a respeito, aliàs muito conhecidas, não permitem esta mã interpretação.

Sou, como a maioria dos companheiros pela mais absoluta neutralidade.

La Scala — Não se deve fazer do antimilitarismo uma questão de partido e não estou de acordo com a moção de Sorelli.

Gallo — Cré que a moção da marjem para a intromissão de partidos politicos nos sindicatos Ezije que o Monaco esplique em que cazo deixou a Federação de ser neutral.

Monaco — Diz que, ao seu modo de ver, ha na Federação uma tendencia politica e acena á questão «Ramenzoni» onde não se combateu o industrial, mas o socialista.

Callo — O facto se refere á «União dos Chapeleiros» e esta não é a Federação.

Bigallo — Acha que a questão esta-se delongando e ameaça de ficar uma questão pessoal.

Edgard — Aprezenta e lé a moção que sobre este assunto foe aprovada pelo primeiro Congresso Nacional Brazileiro.

Sorelli. — Não está em dezacordo com a moção que esprime, em outros termos, as suas ideias e retira a moção aprezentada.

E' aprovada pela maioria a moção aprezentada pelo Edgard que é a seguinte:

« Considerando que o operariado se acha estremamente dividido pelas suas opiniões politicas e relijiozas;
que a unica baze solida de acordo e de acção são os interesses economicos comuns a toda a classe operaria, os de mais clara e pronta compreensão;
que todos os trabalhadores, ensinados pela esperiencia e disiludidos da salvação vinda de fóra da sua vontade e acção, reconhecem a necessidade iniludivel da acção economica directa de pressão e rezistencia, sem a qual, ainda para os mais legalitarios, não ha lei que valha;
O Congresso Operario aconselha o proletariado a organizar-se em sociedades de rezistencia economica, agrupamento essencial, e, sem abandonar a defeza, pela acção directa, dos rudimentares direitos politicos de que necessitam as organizações economicas, a pôr fóra do sindicato a luta politica especial de um partido e as rivalidades que rezultariam da adoção, pela associação de rezistencia, de uma doutrina politica ou relijoza, ou de um programa eleitoral ».

Monaco. — Faz uma declaração de voto e diz que não aprova a moção porque do modo como êla é redijida vem lezar as suas opiniões politicas.

———

Discute-se o tema 2.º.

E' util que as Ligas façam propaganda antirelijioza?

Federação operaria.

Grassini. — E' de parecer que o tema fica prejudicado pela aprovação da moção anterior.

Edgard. — Diz que é precizo não confundir a acção dos sindicatos operarios com a livre discussão que em seus orgãos oficiais fazem os operarios sindicados.

Sorelli. — Concorda com o Edgard. Uma polemica iniciada nestes ultimos dias na « Luta Proletaria » está ai para demonstrar que se confundem duas coizas que são entre si bastante diferentes. Acha que o jornal deve ser, no limite do possivel, uma tribuna aberta, pelos operarios, a todas as ideias ou tendencias politicas ou relijiozas.

Ambrogi. — A polemica da « Luta » foe provocada tambem por uma *N. de R.* que seguia a um artigo de um companheiro publicado no jornal.

Sorelli. — Faz observar que a nota a qual se refere Ambrogi não foi assinada pela redacção mas individualmente, por outro operario que esprimiu as suas opiniões, embora fossem èlas em contradição com as ideias do autor do artigo.

E' aprezentada á aprovação do Congresso a seguinte moção:

Considerando que o actual tema fica prejudicado pela deliberação anterior;
que porem é necessario não confundir, como tem acontecido, as opiniões individuais de cada socio dos sindicatos com a acção dos mesmos sindicatos;
que estas opiniões podem muito bem ser trazidas á discussão por meio dos nossos jornais;
O 2.º Congresso Estadoal operario acha oportuno fazer notar que os jornais orgãos das diversas Ligas devem ser uma livre tribuna aberta aos operarios sobre todos os assuntos.

Gallo. — Acha que, cazo fosse aprovada a moção, o jornal podia-se convertir num qualquer centro de discussões politicas ficando assim prejiudicada a propaganda pela cauza principal que é a acção economica. Cré que seja necessario por um limite á bublicação de artigos de caracter politico e relijiozo no jornal. Lé as observações que, sobre este assunto, faz na «Luta Proletaria» o companheiro E. F.

Sorelli. — Esta é uma questão de espediente. Muito natural que o maior cuidado da redação dos nossos jornais será o de evitar o enconveniente citado pelo Gallo.

Bigallo. — Cré que a questão não está ainda bem esplicada.

Compana. — Pelo contrario; a questão foe bastante esclarecida e não merece uma maior perca de tempo.

Muitos congressistas pedem a votação.

E' posta em votação a moção aprezentada que é aprovada por grande maioria.

———

Passa-se a discutir o tema 3.º

Quais os meios mais praticos para dezenvolver a propaganda de organização operaria?

Federação Operaria

Gallo. — O assunto é talvez um dos mais importantes do nosso Côngresso porque trata de estudar os meios para dar maior incremento á propaganda das nossas ideias. Eu creio que um dos maiores obstaculos á divulgação da propaganda da organização está no facto de a grande maioria dos operarios e colonos do Estado, não terem ainda muito conhecimento do idioma do paiz e, portanto não traz os rezultados almejados a propaganda feita escluzivamente na nossa lingua.

Eu creio muito util, por ezemplo, dar a maior circulação possivel no nosso Estado aos folhetos de caracter sindicalista, mas creio tambem que é absolutamente necessario fazer-se edições especiais em outros idiomas, particularmente em italiano, pois os italianos reprezentam no nosso meio operario a grande maioria.

Boschetti. — Não acha bom que as nossas publicações sejam feitas em outros idiomas que não sejam o portuguez.

Gallo. — Não faço questão de nacionalidade, mas se queremos que no ambiente operario nosso possam ser conhecidas as nossas aspirações é, repito, necessario pôr em pratica uma serie de publicações em lingua estranjeira que pode ser aquì no Estado de S, Paulo o idioma italiano, como deveria ser, por ezemplo, o alemão no estado de S. Caterina e em outros estados do nosso paiz.

Dertonio, — Não somente nas publicações, mas mesmo nas conferencias é precizo não descurar o elemento estranjeiro daqui.

Falam ainda sobre o assunto **Sorelli, Peyrer, La S ala.**

E' aprovada por unanimidade a proposta de Gallo.

———

Discute-se em seguida o Tema 4.º.

E' conveniente que as organizações operarias procurem dezenvolver a propaganda antimilitarista por todos os meios ao seu alcance?

Sind. dos Pedreiros — Santos.

La Scala. — Acha que o militarismo é um obstaculo á realização das nossas aspirações porque a burguezia se serve dos soldados na sua luta economica contra nós, seja mandando-los ocupar os nossos lugares quando nos achamos em greve, seja arremessando-los á nossa frente em ocazião de luta. Cré, portanto, necessarìa a nossa ação contra o militarismo e prezenta à aprovação do Congresso a seguinte moção:

Considerando, que o soldado é um obstaculo constante para a realização das nossas aspirações;
— que a permanencia dele e um grande prejuizo para as nossas condições, tanto pelo lado moral como pelo economico;
— que para a conquista dos nossos direitos é necessaria uma luta aberta e tenaz a todos quantos a êla se oppôem;
— que o soldado é a arma mais poderoza de que se utiliza o capital para rezistir aos golpes que lhe lançamos.
O 2.º Congresso Operario estadoal aconselha a todas as ligas que procurem por todos os meios facilitar o dezenvolvimento da propaganda antimilitarista tais como sejam a realização de frequentes comicios, meetings, conferencias, publicações de folhetos, etc.

Monaco — Pessoalmente é antimilitarista, mas acha que os sindicatos não devem directamente aderir a esta iniciativa. Para tal fim tem a « Liga Antimilitarista Brazileira » fundada no Rio e podem muito bem os que estão de acordo com as ideias por êla defendidas, aderir directamente, isto para impedir abuzos e agreções por parte do governo.

Sorelli: — No ano passado não se fazia aqui propaganda antimilitarista, entretanto houve, por parte da policia violação de domicilio, prisões, abuzos e outras coizas mais. Que façamos ou não propaganda antimilitarista o governo continuarà a ser nosso inimigo.

Edgard: — As sociedades de rezistencia se devem defender contra tudo e contra todos. A Federação Operaria do Rio fiz muito bem a iniciar a propaganda contra o serviço obrigatorio, embora outra Liga tenha surjido depois para dar maior impulso ao movimento.

Gallo: — O facto de haver « Ligas antimilitaristas » não impede que os sindacatos operarios se declarem francamente antimilitaristas, mesmo para ajudar na sua tarefa as « Ligas » para este fim fundadas.

Falam apoiando a moção aprezentada pelo companheiro La Scala os congressistas: Garelli, Angelino, Ruis, Cavicchioli, Paulino, Durão e outros.

Posta em votação a moção è aprovada por unanimidade, menos que pelo companheiro Monaco que declara de não aceitar a moção, embora êle seja antimilitarista convicto.

———

Entra em discussão o tema 5.°

Qual deve ser a atitude das organizações operarias nos cazos em que as arbitrariedades das autoridades cheguem ao auje?

Sind. Pedreiros, Santos.

La Scala: — Ao apresentar a discussão do congresso este tema foi nossa intenção, companheiros, de escojitar um meio qualquer para pôr o movimento operario do estado ao abrigo dos vexames, dos abuzos pelos quais foi atè agora atinjido por parte das autoridades policiais. E a maior culpa deste lastimavel estado de coizas è nossa, pois atè agora não encontremos se quer um pouco de enerjia para responder à violencia com a violencia, para defender por qualquer meio o direito de reunião que nos era negado, para de qualquer meio repelir as agreções que nos eram feitas. Pela defeza dos nossos direitos, pela nossa dignidade, precizamos por em pratica um meio de reação enerjica contra as arbitrariedades de quem quer seja, pelo nosso brio de homens livres è necessario que não se permita a continuação de um estado de coizas que não pode ser tolerado.

Convido, portanto, os companheiros a discutir, como merece, este assunto tão importante e passo a dar leitura a uma moção que tenciono prezentar à vossa aprovação.

Considerando que a autoridade não perde ocazião de por em pratica a maior violencia possivel, de cometer as maiores arbitrariedades em defeza dos interesses do capital, que esta defeza chega atè ao auje como provam os constantes assaltos ás sedes sociais, espancamentos, prizões etc. que a dignidade e o brio de operarios dispostos verdadeiramente a lutar — não podem admitir que êles assistam impassiveis a tanta infamia.
O 2.º Congresso Operario Estadoal aconselha vivamente a todas as Ligas, que procurem manter entre seus associados sempre vivo o espirito de rebeldia contra as arbitrariedades cometidas pelas autoridades — não permitindo em ocazião alguma que o brio de operarios livres seja pizoteado.

Gallo — Não basta, eu creio, aprovar uma moção onde se afirme a necessidade da reação, do momento que não serà êla que farà com que, de um dia para outro, de um bando de carneiros possa surjir uma lejoão de rebeldes.

Edgar — Acha que o assunto é de bastante importancia e demonstra a necessidade de preparar no nosso meio operario uma mentalidade revolucionaria.

Bigallo, La Scala, Durão, Ambrogi — Falam successivamente defendendo às argomentações do Edgard.

Por ultimo posta em votação a moção aprezentada é approvada por grande maioria.

—

E' encerrada a sessão as 11 horas da noite e delibera-se que a segunda sessão começará no dia imediato as 8 horas da manhã.

Segunda sessão

(*Dia 18 de Abril as 8 horas da manhã*)

Prezidente Alfeo Ambrogi, secretarios: Grassini e La Scala.

Abre-se a discussão con o tema 6.º:

Haverá necessidadade da mediação das Federações Estaduais entre a Confederação Rejional Brazileira e as Federações Locais?

Sind. dos Funileiros. Santos.

Sorelli — Os funileiros de Santos rezolveram a ultima hora de não mandar ao Congresso o companheiro que devia ser o relator do tema. Acho porem que êle deve ser discutido para serem esclarecidos alguns pontos da questão que, ao que parece, são ainda bastante obscuros.

Alguns companheiros ignoram, pela certa que o sistema Federativo não quer dizer centralização e portanto não são necessarias medidas burocratica e as Federações Locais, embora aderentes á Federação Estadoal, não precizam, de forma alguma, da sua mediação nás suas relações com a Confederação Geral, da mesma forma que não è o fim das Federações Estadoais centralizar ou monopolizar o movimento operario, mas ser apenas uns centros para dezenvolvimento da propaganda.

La Scala — Diz que o fito dos Funileiros de Santos è o de demonstrar a inutilidade das Federações Estadoais, pois as Federações Locais podem aderir diretamente à Confederação Nacional.

Gallo — A mesma questão aprezentou-se aqui quando se tratou da fundação da « União dos Sindicatos ».

Entretanto a necessidade das Federações Estadoais não pode ser posta em duvida. Elas contribuem para arastar a propaganda no interior do Estado onde não ha ainda organização nenhuma, tarefa esta que não pode ser deixada ao encargo das Federações Locais que so ajem na sua localidade. Demais as Federações Estadoais se encarregam de trabalhos de estatisticas e de correspondencia para com os diversos Sindicatos e Federações do estado e pelas iniciativas de caracter geral.

La Scala — Neste caso estou de acordo com o Gallo, pois nimguem pode por em duvida a necessidade de dezenvolver a propaganda no interior.

Compaña — Acha que os companheiros de Santos fazem questão de pagamento de quotas.

La Scala — Não é verdade! em Santos não se faz questão de quotas,

Isto é para nos uma questão de principio e os operarios organizados de Santos não deixarão de dar o seu apoio a qualquer iniciativa desde que reconheçam a utilidade da mesma.

Durão — E' de parecer que todas as organizações operarias do Estado devem aderir á Federação Estadoal para facilitar-lhe a tarefa da propaganda.

Sorelli — Esplica que as quotas á Confederação Nacional pelas sociedades Federadas serão pagas directamente pela Federação.

Compaña — E' necessario estabelecer — se uma quota que deverà ser paga pelas sociedades federadas, pois até agora só uma pequena minoria dos Sindicatos do Interior contribuiram com o pagamento.

Gallo — Acha que bastariam 50 réis por mez por cada socio quite.

Durão — Se devemos tirar desta quota, 20 réis para Confederação não acho suficiente a proposta do Gallo. Creio que seja precizo continuar com a actual quota de 100 réis.

Sorelli, Campaña, Contieri — Apoiam a proposta de Durão.

E' aprovada a proposta e fica estabelecido que os sindicatos e Federações aderentes pagarão a quota mensal de 100 reis por cada socio quite.

E' aprovada em seguida a seguinte moção.

Considerando que o sistema federativo não vincula a acção de nenhuma organisação federal, mas deixa a todas a mais completa autonomia;

Que, porem, è necessaria a ezistencia da Federação, Estadoal e isto pelas vantajens que a mesma pode trazer á propaganda e ao movimento operaio.

O 2.º Congresso Estadoal opina que os diversos Sindicatos e Federações locais, mantendo a mais completa autonomia, não precizam de mediação nenhuma em suas relações para com a Confederação Geral Brasileira, mas que as mesmas devem contribuir com a sua adesão á Federação Estadoal, a proporcionar-lhe os meios para dezenvolver a sua acção de propaganda.

Discute-se o Tema 7.º

Não será de utilidade a creação de uma universidade operaria para ilustração e educação do proletariado?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS

Sorelli — Acha de grande utilidade a fundação de universidades operarias, mas cré que as mesmas não podem ser ainda um facto real no nosso meio operaio, demasiado apatico, indiferente ás iniciativas que lhe podiam proporcionar maiores conhecimentos cientificos. Cita o cazo do «Centro Instrutivo de S. Paulo», que apezar da incansavel boa-vontade de alguns companheiros não conseguiu obter a adezão de duas duzias de socios.

La Scala — Não é do parecer do Sorelli. Diz que por universidade operaria não se deve intender escluzivamente uma aula onde se dêm regularmente liçoes cientificas.

A realização dalgumas conferencias izoladas, por ezemplo, de caracter cientifico, a fundação d'uma revista no sistema da «Universidade Popular» de Milão - Italia, é o que bastaria, por emquanto, para rezolver o problema.

Durão — E' contrario á revista e acha mais oportuno o funcionamento de escolas elementares para adultos.

Gallo — De acordo con La Scala demonstra a necessidade de um curso de conferencias cientificas o mais regular possivel.

Rossi — E' contrario ás univesidades pelo motivo de estar ainda o terreno impreparado.

Sorelli — Creio que devemos aceitar, por principio, a utilidade de universidades operarias, mas devemos limitar-nos, agora, a preparar o ambiente que possa garantir a ezistencia das mesmas. Aprovo a ideia de organizar conferencias.

Chiara — E' do mesmo parecer.

Paulino: — A Liga operaria de Campinas tinha fundado uma aula nocturna de ensino e os operarios, convidados, não se aprezentaram. Como pode-se tratar de universidade neste momento?

Grassini: — O facto de não terem os operarios aderido á aula nocturna da escola de Campinas não demonstra nada. Pode ter operarios que prefirem á escola as conferencias e as lições de caracter cientifico.

Vela, Durão, Compaña, Paulino, Boschetti falam contra uma moção aprezentada por La Scala.

E' approvada a moção aprezentada por Sorelli que é do seguinte teor.

Considerando: que não se pode negar a utilidade de uma universidade operaria para ilustração do proletariado:

que, porem, o ambiente não permitte actualmente que o funcionamento da mesma possa ser posto em pratica, dado o espirito do proletariado local e a sua pouca dedicação aos estudos.

O Congresso Operario; aceitando por principio a utilidade duma universidade operaria, opina, que os Sindicatos operarios procurem aussiliar o dezenvolvimento intelectual do operariado aproveitando dos meios ao seu alcance e, particularmente, organizando, nos limites do possivel, um curso de conferencias cientificas.

E' levantada a sessão as 11 horas e meia e marca-se a 3.ª sessão para 1 hora e meia da tarde.

Terça Sessão

(Dia 18 de Abril a 1 e meia da tarde)

Preside o companheiro Ramon Durão.

Deveria ser discutido o Tema 8.º mas os congressistas são todos de acordo para ser a discussão deste tema adiada para a prossima sessão nocturna onde é mais numeroza a assistencia do publico.

Discute-se o Tema 9º;

Trarão algum rezultado as diversões de propaganda no seio das associações de classe?

Em caso afirmatiuo, quais escolher de preferencia?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS

Paulino — A Liga de Campinas aprezentou á discussão do Congresso este tema, porque a pratica destes ultimos mezes veiu patenteiar alí a necessidade de escogitar un meio qualquer para conseguir uma maior frequencia de socios á sede social.

La Scala — Embora o tema não tenha eu creio, muita importancia não acho desnecessaria a discussão.

Duma unica maneira pode-se dar solução a esta questão, e é que as diversões que se admitem no seio dos sindicatos tenham tambem o fito da propaganda,

Ambrogi — Cre que o unico genero de diversões toleravel no meio dos sindacatos operarios são os centros dramaticos e instrutivos que podem organizar recitações de peças sociais, poezias etc; e as palestras amigaveis entre companheiros sobre assuntos sociais ou literarios.

Muitos congressistas são de parecer que se deve aproveitar esta ocazião para convencer os Sindacatos operarios a escluir das suas festas o baile.

A seguinte moção é a aprovada a unanimidade.

Considerando; que as diversões, quando feitas no sentido de devulgar a propaganda podem trazer alguma utilidade ao nosso movimento.

O 2.º Congresso operario Estadoal aconselha aos Sindacatos a fundação de Centros dramaticos-sociais e de sessões onde se entretenham os socios em palestras amigaveis.

Aconselha tambem a esclusão do baile e de qualquer especie de jogos.

O tema 10º. fica adiado para a sessão da noite.

Discute-se o Tema 11;

Será conveniente propagar nas organizações operárias a não admissão dos menores de 14 anos no trabalho?

SINDICATO DOS CARPINTEIROS, *Santos*

Luis Bento — Faz notar ao congresso a importancia deste assunto e a necessidade de iniciar um trabalho serio e eficaz para conseguir a abolição desta odioza esploraçao á qual estão subjugadas as nossas crianças em prejuizo da sua saude e da sua intelijencia. Em nome do « Sindicato dos funileiros de Santos » aprezenta á discussão a seguinte moção.

Considerando: que o trabalho estenuante das oficinas, das fabricas, e das obras é un grande mal. tanto sob o ponto de vista fizico, como intelectual para as creanças menores de 14 annos que na luta humana que os trabalhadores fazem a burguezia não pode passar despercebido esse ponto porque as creanças que são sujeitas a um trabalho martirizador, crescem aniquiladas, pela anemia, e por consequencia homens quasi inuteis, privados intelectualmente do espirito necessario para a luta.

O 2º. Congresso Operario Estadoal, aconselha a todos os sindacatos que procurem fazer a maior propaganda possivel em favor da não admissão nos trabalhos de menores de 14 anos,

Sorelli — A moção do companheiro Bento não rezolve a questão. Todos nos sabemos que os maiores centro de esploração de creanças são as fabricas de Tecidos, onde é mais diminuto o numero de aderentes ao nosso movimento operario.

Deixar a questão ao encargo dos sindacatos seria, portanto, a continuação deste estado de coizas que todos lastimamos.

Em muitos casos, mesmo na maioria dos casos, as creanças são victimas da esploração dos pais. São êles que, pelo mizeravel aussilio financeiro que a creança pode trazer á familia, permittem conciente o inconcientemente que a mesma seja sacrificada á ganancia de um esplorador assassino, E' contra êles que a acção dos operarios todos deveria ser directa. O burguez tem todo interesse a ocupar na sua fabrica as creanças que custam menos, e uma vez que lhe negassemos os nossos filhos èle ver-se-ia obrigado a empregar na sua fabrica outrotantos operarios e a questão seria rezolvida. Procuramos, portanto, iniciar cada um de por si, e mesmo os sindacatos operarios por meio de pubblicações adequatas; um trabalho incansavel com o fito de convencer os pais de familia a não permitir a esploração dos menores.

Rossi — E' tecelão e sabe, por pratica, as condições de familia dos operarios da sua classe. Se êles mandam as creanças na fabrica é porque precizam do auss lio, embora diminuto, que èlas lhes trazem.

Durão: — Diz que os pais devem ser os maiores interessados neste assunto. Elês não compreendem que a creança è o seu mesmo concurrente e que não è verdade que as crianças possam ajudar o pai no esteio da familia, pelo contrario, prejudicam a familia porque occupam o lugar que podia ser ocupado, com maior remuneração, pelo chefe da caza.

Cita o facto de alguns mecanicos duma oficinas de Campinas que são obrigados à desocupação forçada, porque os seus lugares foram preenchidos com as creanças que trousseram na fabrica.

Grassini: — Disse alguem que os pais são obrigados a mandar os filhos na fabrica pelas suas màs condições economicas. E porque não procuram êles melhorar, por quanto possivel, as suas condições para livrar os pequenos da atmosfera assassina da fabrica? Façamos compreender a êles que, de forma alguma, pode-se admitir o sacrificio das creanças e convidamo-los a pedir directamente ao patrão uma maior remuneração pelo seu trabalho

Compana: — Não crè que o actual estado da sociedade permita uma solução deflnitiva deste assunto.

Cavicchioli: — E' de parecer que a propaganda para com os pais de familia pode, se não eliminar totalmente a esploração das creanças, limita-la muito. E' portanto de acordo com Sorelli.

Ambrogi: — Precizamos tambem cada um de nòs defender as creanças dàs brutalidade dos patrões, mestres, gerentes etc. e quando assistimos na oficina, a espancamentos e mais brutalidades contra as creanças, reajir mesmo agressivamente contra os autores dêlas.

Do mesmo parecer se manifestam diversos congressistas.

Sorelli: — apresenta esta emenda a moção de Luiz Bento.

O congresso acconselha tambem os operarios e os sindicatos de ajirem para com os pais de familia afim de que não sejam escandalozamente esploradas por eles as crianças menores de 14 anos, procurando melhorar as suas condições por meio da organização de classe.

Demonstra tambem a necessidade de os operarios todos se rebelarem, mesmo agressivamente, contra patrões e mestres malvados que aproveitam da fraqueza dos meninos para pisoteà-los e trata-los com brutalidade.

Aprovada a moção com a emenda de Sorelli.

Pôe-se em discussão o tema 12.

Qual è o melhor meio para impôr indenizações pelos acidentes de trabalho?

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*
SINDICATO DOS PINTORES, *Santos*

Cavicchioli — A indenização pelos acidentes de trabalho so pode ser imposta, com rezultado, pelos Sindicatos de rezistencia que devem impedir a continuação do trabalho nas fabricas ou obras onde o acidente aconteceu e isto até o respectivo proprietario ou empreiteiro não dar satisfação à victima ou à familia da mesma.

Sorelli — Antes de pedir indenizações pelos acidentes de trabalho seria precizo evitar que os mesmos acidentes se dessem. Muitos dos acidentes de trabalho poderiam ser evitados desde que houvesse por parte de empreiteiros e feitores maior cuidado pela vida dos operarios. Devemos fazer o possivel para acabar com este sistema criminozo que pôe os operarios na critica situação de trabalhar em condições que não garantem a sua vida. A nossa vida não se paga com algumas dezenas de contos! Queremos que èla seja respeitada e devemos impôr, com qualquer meio, um maior cuidado, todas as salvaguardas possiveis nas obras, na oficina, na fabrica em toda parte emfim onde estamos trabalhando. E para isto servem muito bem, alem da pressão directa dos sindicatos para com os empreiteiros e proprietarios, as ajitações, os comicios publicos que demoustrem a nossa dispozição a ajir. Emquanto ficamos impassiveis deante dos continuos assassinados de que são victimas os nossos irmãos de trabalho, de nada valem todas as nossas palavras. Acção è que é precizo e não frazes e ordens de dia.

Grassini — Acha dificil resolver-se actualmente este tema.

La Scala — Diz que as indenizações não resolvem o problema dos acidentes do trabalho. A vida dum operario não ha dinheiro que a possa pagar. E' de accordo que se procurem evitar ou pelo menos limitar o mais possivel os acidentes do trabalho e aproveitar de todos os cazos para fazer-se ajitação. Cita os recentes factos de Roma e é de parecer que deante de tais acontecimentos os empreteiros procurarão todos os meios para garantir a vida dos operários e esto vale mais de que qualquer remuneração.

Bigallo — Lè uns artigos de lei sobre os acidentes do trabalho na republica Argentina e procura demonstrar que com as leis se podem obter indenizações.

Cavicchioli — Os operarios são os mais culpados pelos acidentes de trabalho: porque, antes de subir sobre um andaime ou de começar qualquer trabalho não se procura inspecionar se ha ali garantias de vida, e não nos recuzamos terminatamente a trabalhar quando vemos o perigo?

Sorelli — Já tive ocazião de falar sobre o assunto na « Luta Proletaria ». Fazer culpa aos operarios, pelas desgraças que lhes acontecem è injusto, inhumano. Os operarios, na maioria dos cazos, não conhecem o perigo e nem os feitores e empreiteiros permittem que êles percam tempo em ispecionar o andaime ou as condições em que estão obrigados a trabalhar.

Responde a Bigallo: As leis sobre os acidentes do trabalho não podem rezolver a questão, como nenhuma lei têm trazido vantajens reais ao proletariado. Todas as leis que falam do assunto dizem que os proprietarios ou empreteiros não são obrigados a pagar indenização desde que a desgraça no trabalho se possa culpar ao descuido do operario. Noventa e nove vezes sobre cem os patrões, que têm ao seu lado o apoio dos mandões, consiguem demonstrar que não foram êles os culpados pelo acidente e o operario ou a sua familia ficam a ver navios.

E os operarios, que esperam pela lei uma solução e confiam nela, descuidam da sua acção que lhes pode proporcionar maiores rezultados. De facto os sindicatos operarios, alem, como disse, de procurar evitar quanto mais possivel os acidentes do trabalho, podem ajir directamente contra o empreteiro ou proprietario declarando-lo responsavel *por todo e qualquer acidente* e ezijindo com os meios de que dispõem a indenização equivalente.

Ruiz — Demonstra-se favoravel às ideias de Bigallo e tem fé na lejislação pelo que se refere aos acidentes do trabalho.

Ambrogi — Diz que quando os operarios terão conciencia estas questões serão facilmente resolvidas. Portanto devemos preparar no nosso meio esta conciencia sem a qual não ha decisão que valha.

Angelini, Cavicchioli, Compana e outros falam contra as opinões de Ruiz e Bigallo.

La Scala — Aprezenta a seguinte moção que rezulta aprovada pela maioria:

Considerando que as indenizações em caso de acidentes do trabalho, quando vindas de fóra da nossa acção, não rezolvem, sob nenhum ponto de vista a situação.

O 2.º Congresso aconselha a todos os operarios de iniciar uma ajitação continua contra os frequentes dizastres, preparando-se para que nos cazos em que èles aconteçam, formar o necessario protesto demonstrando assim aos industriais que estamos dispostos a ajir para por termo aos nossos males, e preparando a conciencia operaria para ezijir qua os patrões se considerem responsaveis de todo e qualquer acidente do trabalho.

Discute-se o tema 13.

Que meis podemos adótar para impedir á crumirajem em cazo de greve.

LIGA OPERARIA, *Limeira*

Sorelli — Os companheiros de Limeira ao enviar este tema aprezentaram esta ideia: quando nos operarios declaramos uma greve não devemos sair da oficina, mas permanecer nelá para impedir que entrem a trabalhar os crumiros. Eu, por mim, acho que esta ideia não pode ser de forma alguma posta em pratica e creio que para impedir a crumirajem não ha outro remedio a não ser deixar, quando for possivel, a fabrica em condição de não poder trabalhar com crumiros, e quando isto não possa ser realizado impedir a entrada dos crumiros na fabrica ou com a convinção ou com qualquer outro meio.

Compana — Diz que as greves devem ter caracter revolucionario, portanto é aconselhavel a sabotajem antes de abandonar a fabrica coiza esta que evitaria a nossa ação contra os crumiros.

La Scala — Não é de parecer que neste congresso se delibere a ação violenta contra os crumiros que são, emfim, operarios, portanto esplorados como nós.

Gallo — Acha que os crumiros são os maiores nossos inimigos e que nós temos o direito de defendermo-nos contra êles como contra um assassino que quizesse attentar á nossa vida.

Castellano — Está de acordo com o Gallo e acha muito lejitima e justa a acção contra os crumiros.

Angelini — Os crumiros são os que prejudicam o nosso movimento e muitas vezes mesmo por malvadez.

La Scala — Ele não defende os crumiros, mas acha que devemos, antes de tudo, recorrer á convinção pela palavra. Acha uma bôa idéia a de deixar as maquinas em condições de não poder trabalhar.

Garelli — Mas todas as oficinas não se prestam a esta acção de sabotaje.

Grassini — Nestes cazos então poderão ser adotadas as medidas contra os crumiros.

Falam ainda sobre o assunto diversos congressistas acabando por aprovar á unanimidade a proposta aprezentada, aconselhando antes de tudo aos operarios organizados de deixar a fabrica em condição de não poder trabalhar e, no cazo que isto não seja possivel, ajir contra os crumiros, com a convinção primeiro e depois com os meios que o momento ezije.

Os temas 14 e 15 são adiados para a sessão da noite.

Discute-se o tema 16.

Pagamentos aos operarios por semana.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Vela — Demonstra a necessidade pelos operarios de ezijir o pagamento semanal, em primeiro lugar para não serem obrigados a ir comprar mantimentos a fiado, subindo a esploração e as impozições do vendeiro; e depois para evitar que os empreiteiros, mais canalhas dos outros, roubem aos operarios a importancia de um mez ou mais de trabalho.

La Scala — È de parecer que o pagamento por semana não pode ser adoptado em todas as classes de operarios.

Cavicchioli — Defende tambem as ideias de Vela e cré que o pagamento semanal é uma coiza muito necessaria.

Gallo — No Congresso só se discutem questões de interesse geral. È natural que ha certas categorias de operarios como, por ezemplo, os empregados de estradas de ferro, que não podem alcançar o pagamento semanal. Isto porém não impede que as classes de operarios que sintam a necessidade desta reforma a ezijem directamente sem esperar a autorização de um congresso.

Chiara — È de accordo com o Gallo e crè que a solução deste assunto deve ser deixada aos respectivos sindicatos.

Russi — Fala tambem favoravel ás ideias de Gallo.

Cavicchioli — Diz que o Congresso não pode descurar esta questão que não deixa de ser importante e pede uma decisão a respeito.

Falam ainda **La Scala, Sorelli, Gallo, Vela.**

Aprova-se afinal a moção aprezentada por La Scala.

O Congresso julgando o assunto do pagamento semanal uma questão que não pode abranjer todo o operariado pela diversidade de oficios e situações; resolve deixar a todas as classes a autonomia de resolve-lo da forma que melhor corresponda ás necessidades da classe.

È levantada a sessão ás 5 horas da tarde.

Quarta Sessão

(*Dia 18 de Abril as 8 horas da noite*)

Prezidente: Paulino Sant'Anna
Secretarios: Grassini e La Scala

Discute-se o tema 8.º

Sera util a distribuição de subsidio em cazo de greve?

LIGA TRAB. EM MADEIRA S. PAULO

Garelli — E' terminantemente contrario ao subsidio em cazo de greve. Bem se sabe que as caixas dos nossos Sindicatos não podem ter de modo algum, mesmo nos cazos mais otimistas, dinheiro que chegue para combater o capital.

Contar com subsidios em cazo de greve é uma loucura e prejiudicaria o movimento porque, como é muito lojico e como tem-no demonstrado até agora os factos, a greve acabaria logo que acabassem os fundos sociais. Ora, perguntamos: é possivel garantir, com os nossos meios o subsidio a algumas centenas de operarios mesmo por poucos dias? Creio que não! E se depois de esvaziada a caixa com uma greve se tornasse necessario, mesmo provocado pelos patrões, outro movimento; onde é que se devia recorrer para os subsidios? Portanto é necessario que não se façam iluzões. O subsidio de greve deve ser escluido porque nunca poderà êle corresponder as ezijencias do movimento e portanto seria cauza de desgostos e questões entre os associados que acabariam por abandonar o sindicato e a luta.

Rossi — Fala em contraditorio as ideia de Garelli.

Se não se sustentam os grevistas como poderão êles continuar na luta? Acha o subsidio de greve necessario, indispensavel mesmo, nos sindicatos operarios. E' questão de solidariedade e todos os operarios organizados deveriam em circustancias graves ajudar-se uns aos outros.

La Scala — Não se deve confundir subsidio com solidariedade. Esta se manifesta de muitas maneiras e pode cooperar á victoria do movimento com outros meios.

Sou contrario, tambem, ao subsidio obrigatorio aos grevistas pelas razões espostas pelo companheiro Garelli e porque acho que devemos ser dispostos a fazer uma luta verdadeira que prejudique, quanto mais possivel, o patrão; e não a ficar em caza de braços cruzados esperando que os outros cuidem de sustentar-nos e as nossas familias.

Sorelli — Já em outros congressos e mesmo em artigos nos nossos jornais tive ocazião de manifestar as minhas opiniões sobre este assunto.

Devemos escluir o subsidio de greve, para evitar que os nossos companheiros menos concientes declarem um movimento confiando esclusivamente no subsidio.

Quando os operarios saberão que não podem contar com dinheiro só declararão o movimento depois de ter bem estudado a questão e quando se achem verdadeiramente dispostos á luta, e neste cazo não deixarão de por em pratica os meios mais aptos a dar ao movimento uma solução no menor espaço de tempo possivel.

O subsidio da greve pôe tambem os nossos sindicatos na condição de serem feitos alvo pelas imposições de individuos inconcientes ou velhacos que acudem as pressas á sede nos momentos de ajitação empondo-nos este dilema: Ou me dão dinheiro ou eu vou ocupar o lugar dos vossos companheiros em greve.

E' a solidariedade paga e portanto é solidariedade fiticia que acabaria com o acabar do dinheiro, se, como aconteceu em diversos cazos, os crumiros não vão trabalhar no dia imediato ao que receberam o subsidio.

Gallo — O operario que se pôe em greve deve ter espirito de sacrificio. Melhor seria se ao sair da fabrica se considerasse despedido e procurasse arranjar a vida doutra forma.

O subsidio de greve traz ao sindicato muitos enconvenientes alguns já acenados por Sòrelli e La Scala e prejudica o rezultado da greve, portanto devemos combate-lo.

Ha cazos, porem, que depois de muitos dias de greve haja realmente operarios que precizem do aussilio immediato dos companheiros e não lhe pode ser recuzado este aussilio, para o qual pode servir a solidariedade dos demais operarios. Abolir o subsidio não signfica que os grevistas *mais necessitados* não possam ser ajudados com mantimentos pela solidariedade dos companheiros.

E' precizo evitar que o subsidio de greve faça parte do programa dos sindicatos, isto sim que è precizo.

Ambrogi — Concorda com o Sorelli. Cita a greve da caza Duprat que custou á União dos Graficos perto de 4 contos e depois de 23 dias quando os cofres estavam vazios voltaram os grevistas a trabalhar sem conseguir nada de nada.

Se os operarios não tivessem subsidio talvez a greve teria sido evitada, ou pelo menos teriam os grevistas posto em pratica outros meios para acelerar a solução do movimento.

Rossi — Volta a falar em favor do subsidio e diz que ha algumas fabricas, particularmente no interior que têm o armazem proprio onde os operarios costumam fazer suas compras. É natural que desde o segundo dia da greve os operarios terião falta de recursos e de mantimentos.

Garelli — É uma escepção que não faz a regra.

Dartonio — É contrario ao subsidio de greve e cita o movimento dos metalurjicos do ano passado. Os operarios não se interessavam de procurar trabalbo noutras fabricas porque confiavam no subsidio.

Quando o subsidio acabou, todos estavam dezempregados e a greve foe perdida.

Não se dé subsidio, portanto, mas se procurem socorrer as victimas das greves, por qualquer meio.

Gallo — É de accordo com Dertonio em socorrer as victimas dos movimentos operarios.

Durão — Fala contrario ao subsidio que a pratica dos ultimos movimentos demonstrou ser prejudicial. Quer que se ajudem as victimas com subsidio de viajens, procurando-lhes emprego e socorrendo as suas familias.

Compaña — É tamben contrario ao subsidio. Os sindicatos devem fazer acção directa, e procurar vencer as lutas com enerjia e corajem.

Bigallo — Diz que no sindacato que êle reprezenta tem un artigo do estatuto que promete aos grevistas o subsidio de greve. Portanto se o congresso deliberar de abolir o subsidio precizaria modificar o estatuto.

La Scala — Acha que todos os sindicatos devem pôr em pratica as decizões do Congresso.

Sorelli — Não podemos impor agora que os canteiros modifiquem o seu estatuto de um dia para outro.

Procuraremos convence-los da verdade dos factos e da necessidade de abolir o subsidio, e isto por meio da propaganda entre os socios do sindicato e nas suas assembleias.

Gallo: Pergunta se os sindicatos devem ser obrigados a aceitar as decizões do Congresso ou se devemos limitar-nos como se tem feito até agora a dar conselhos.

A unanimidade delibera-se que se procure convencer os sindicatos da necessidade de aceitar as deliberações do Congresso.

É posta em aprovação a seguinte moção que rezulta aprovada por grande maioria.

Considerando que o subsidio de greve, como o têm demonstrado os factos prejudica a accão do movimento operario porque os operarios sindicatos declaram-se em greve com esperança de receber aussilio do Sindicato que, portanto, a greve acabaria logo que acabassem os fundos de caixa;

Que é necessario infundir no operariado um espirito de sacrificio de modo que êle possa enfrentar a luta disposto a subir as consequencias da mesma;

Que, porem, é preciso ajudar, de qualquer forma, as victimas do movimento operario, e isto bazeando-se nos sentimentos de solidariedade umana e operaria.

O 2º. Congresso Estadoal Operario opina que os sindicatos operarios devem escluir terminantemente o subsidio em cazos de greve, mas procurar aussiliar os companheiros victimas dos movimentos, facilitando-lhes os meios de viajem, procurando-lhes colocação e ajudando materialmente éles e as suas familias.

Passa-se a discutir o tema 10.º.

Qual é o meio mais pratico para garantir a vida dum orgão defensor da classe?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS.

Paulino — A Liga de Campinas quiz trazer á discussão do Congresso este tema para ver se se conseguia escolher um meio que possa garantir a vida do nosso jornal, em vista da dificuldade que aprezenta a cobrança da assinatura, particularmente no interior do Estado. Aprezenta a proposta de comprar uma tipógrafia e de dar encargo a um companheiro de viajar pelo interior do Estado organizando conferencias e procurando cobrar as assinaturas do jornal e angariar novos assinantes.

Neste sentido aprezenta uma moção.

Sorelli. — E' contrario a moção aprezentada pelo companheiro Paulino. Comprando uma tipografia as economias na despeza do jornal são pequenas e não correspondem ao sacrificio que precizamos fazer para comprar a tipografia.

Acha que se queremos verdadeiramente garantir a vida do jornal é precizo que todas as Ligas do interior se compromettam de remeter-nos regularmente, todos os mezes, uma quantia de dinheiro em relação das proprias forças, que se encarregariam de cobrir ou procedendo directamente á cobrança de assinaturas ou por meio de subscrições ou aumentando um pouco a quota mensal dos respectivos socios.

O jornal foe até agora sustentado pelas assinaturas de S. Paulo e doações das Ligas daqui. Do interior do Estado nenhum aussilio veio até agora para o jornal e seria necessario que todos contribuissem com a sua parte de sacrificio.

Gallo — E' favoravel á moção. Julga inutil fazer-se assinamento sobre as Ligas do interior que na sua maioria não dispòem de fundos. E' de parecer que o unico meio de garantir a vida do jornal seria a nomeação de mais um companheiro de redação que viajasse no interior do Estudo, fazendo conferencias de propaganda e angariando assinaturas para o jornal.

Ambrogi — Creio que o Gallo não interpretou bem as ideias de Sorelli.

Ele não falava de ezijir dinheiro dos fundos de caixa, mas sim que as Ligas do interior se comprometessem de colocar algumas copias do jornal recebendo dirèctamente as assinaturas ou aumentando a taxa mensal dos socios. Dos fundos de caixa so poderiam mandar algo os Sindicatos que estivessem em condições de o fazer.

Durão — Concorda com o Gallo na ideia de mandar um companheiro no interior.

Contieri — E' tambem do parecer do Gallo.

La Scala — Cré que a questão seria resolvida se as Ligas do interior nomeassem alguns companheiros enerjicos com o encargo de cuidar das assinaturas ou da venda do jornal.

Gallo — Continua defendendo a sua proposta. Ha muitas localidades no interior, mesmo de alguma importancia, onde o jornal não é conhecido. Um companheiro viajante seria portanto, de muita utilidade.

Ambrogi — Acha que não pode ser inviado o jornal onde não ha organização operaria. A primeira tarefa do companheiro que fosse para o interior seria a de organizar associações operarias para depois tratar de ali enviar o jornal.

Sorelli — E absurdo falar-se aqui de aumentar o pessoal da redação que significaria aumentar as dispezas do jornal de algumas centenas de mil reis por cada mez, quando todos sabem os sacrificios que precizamos fazer para mante-lo nas condições actuais. E, depois, que necessidade ha de trazer á discussão do congresso a nomeação de um redactor para o jornal?

Um companheiro que viajasse no interior seria muito util, mas nós aqui estamos fazendo calculos, actualmente irrealizaveis. Desde que haja possibilidade a Federação Operaria pode muito bem pôr em pratica a proposta do Gallo sem ser necessaria para isto a decisão do Congresso. Aqui trata-se de garantir a vida do jornal, e a vida do jornal não è garantida desde que tratamos só de aumentar-lhe as despezas.

Insisto na minha proposta e aprezento esta moção:

Considerando, que todos os Sindicatos devem interessar-se directamente pela vida do jornal.

O Congresso opina que os Sindicatos operarios do Interior devem garantir a remessa de uma quota mensal em auxilio do jornal, procurando os mesmos obter esta quantia no melhor meio possivel, ou aumentando um pouco a quota mensal dos associados ou encarregando-se de cobrar as assinituras.

La Scala — Julga que a questão deve ser resolvida por meio de um referendum a todas as Ligas e aprezenta esta moção:

Considerando que o congresso não pode fazer calculos sobre uma ajuda por parte das Ligas que não lhe è garantida.

O segundo Congresso Operario rezolve deixar a questão do jornal ao encargo da Federação Operaria que deve pedir, por referendum, a opinião dos sindicatos Federados.

Ruiz — Opina que as Ligas Operaria aumentem de 500 rs. a quota mensal de cada socio que será considerado assinante do jornal.

Falam ainda sobre o assunto, *Vela, Gallo, Ambrogi.*

Na votação é rejeitada a proposta de Ruiz e a moção de Sorelli sendo aprovada a moção do companheiro La Scala.

Passe-se a discutir o tema 14º.

Os delegados dos Sindacatos à Federação. devem voltar de acôrdo com as deliberações das assemblea dos mesmos sindicatos, ou de conformidade com o seu modo de pensar?

UNIÃO DOS TRAB. GRAFICOS. *S. Paulo*

Ruis — É de parecer que os delegados dos Sindacatos devem votar de acôrdo com as deliberações dos respectivos Sindicatos.

Angelini — Diz que quando os Sindicatos dão encargo a un socio de representa-los junto á Federação, conhecem as suas opiniões e devem ter comfiança néle.

Ambrogi — Opina tambem que os delegados devem votar conforme o seu pensamento e espor nas assembleias o seu modo de pensar.

Durão — Fala contrario e diz que a assembleia è que deve decidir sobre os assuntos que se referem ao sindicato e dar ao seu delegado mandato imperativo.

Edgar — Neste cazo então o comité da Federação não pode tomar deliberação nenhuma e precizaria esperar, para qualquer pequeno assunto a realização das assembleias dos sindicatos, e sendo assim as resoluções delongariam demasiado mesmo até perder a actualidade.

Os delegados so precizam pedir a opinião da assembleia nos assuntos de caracter economico ou que se referem a questões internas, mas em assuntos de caracter geral, podem discutir e deliberar de conformidade com o seu modo de pensar.

Sorelli, Bigallo, Gallo, Grassini, Dertonio: falam demostrando-se favoraveis á proposta de Egdar.

Ruis Chiara e **Durão** são contrarios.

La Scala — aprezenta ao Congresso e seguinte moção que resulta aprovada pela maioria.

Considerando, que os delegados á Federação são escolhidos livremente pela maioria dos socios do Sindicato.

Que em muitos cazos não se pode, antes de tomar uma rezulução, esperar a realização das assembleias de todos os Sindicatos.

O 2º. Congresso Operario Estadoal opina que os delegados devem deliberar de conformidade com a propria opinião menos os cazos em que se discutem assuntos jà rezolvidos pela assembleia do respectivo Sindicato, ou que tenham caracter economico,

---

Põe-se em discussão o tema 15º.

Devemos ou não combater a esploração das mulheres e creanças? Em cazo afirmativo, de que forma?

UNIÃO DOS TRAB. GRAFICOS, *S. Paulo*

Após breve discussão delibera-se aprovar a seguinte moção que foe votada na ocazião do «Primeiro Congresso Regional Brasileiro.

«Considerando que a causa principal da exploração exercida contra mulheres, que pela sua situação se tornam terriveis concurrentes do homem, está no facto de lhes faltar cohesão e solidariedade;

que a necessidade da organisação syudical impõe-se entre as mulheres, uma vez que para os homens tem sido adoptada com bons resultados;

O Congresso, salientando a necessidade da organização das oqerarias em syndicatos, convida e incita os syndicatos, operarios a envidar todos os esforços para organisar as mulheres e tornal-as companheiras de luctas, abolindo a concorrencia que fazem, aliás occasionada pela exploração burgueza, a qual paga pouco e exige muito;

Discute-se o tema 14º.

Criação e dezenvolvimento de cooperativas de produção e de trabalho, e ajitação pró "Livre Pensamento"

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

A segunda parte deste tema fica prejudicada pelas deliberações anteriores.

Põe-se em discussão a primeira parte que se refere ás cooperativas de producção e de trabalho.

Cavicchioli — E' contrario as cooperativas, quando fundadas no seio do sidicato porque prejudicam a acção da rezistencia. Os operarios que estão de acordo com este genero de luta podem fundar as suas cooperativas indipentes.

La Scala. — E' adversario do cooperativismo porque os factos vieram demonstrar que as cooperativas só servem para privilejo de um pequeno e determinado grupinho de individuos os quais, em bôa o má fé, gozam dos beneficios délas.

Vela. — Fala contrario ás opiniões de La Scala e diz que pode-se evitar este facto trocando as comissões o mais frequente possivel.

Edgard. — Acha que as cooperativas trazem prejuizo ao movimento operario porque cauzam questões, dezavenças e ambições. Cita o facto de uma cooperativa de produção fundada na Liga dos Canteiros do Rio a qual acabou com a caixa do sindicato e provocou questões que o desfacelaram por completo. Os canteiros do Rio ainda sufrem as consequencias deste choque.

Cita, a mais, o ezemplo de algumas cooperativas dos sindicatos inglezes cujos empregados precizaram fundar entre si uma sociedade para rezistir a esploração que contra èles fariam os socios do sindicato.

Por estes motivos é de parecer que as cooperativas devem ser combatidas principalmente quando se querem ligar aos nossos sindicatos.

La Scala. — E' de acordo com Edgar na necessidade de combater-se as cooperativas.

Ferrari. — Acha absurdo pretender iniciar, com os nossos meios, a concurrencia aos grandes negociantes e industriais. Por isso é tambem contrario ás cooperativas.

Falam ainda *Sorelli*, *Grassini*, *Dertonio Durão* e outros.

E' aprovodada, por grande maioria a seguinte moção:

Considerando; que em questão de cooperativismo ha no meio operario tendencias e opiniões incociliaveis que, porem, os factos demonstram que as cooperativas, quando ligadas aos sindicatos de resistencia prejudicam o desenvolvimento do mesmo, quando não o matam por completo;

que é opinião dos operarios mais praticos do movimento que as cooperativas são, de qualquer forma, prejudiciais;

O segundo Congresso Estadoal opina que os sindicatos devem procurar impedir a formação de cooperativas no seu seio e aconselha os operarios adversario deste metodo de convencer as seus colegas, por meio dos ezemplos que a esperiencia lhes proporciona, da inutilidade do cooperativismo e do prejuizo que o mesmo traz á propaganda revolucionaria.

O tema 18º.

A organização operaria e a tactica que se deve adótar.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Fica prejudicado pelas deliberações anteriores.

E' encerrada a sesão as 11 e meia horas da noite, marcando-se a quinta sessão para o dia immediato ás 8 horas manhã.

Quinta e ultima sessão

(*Dia 19 de Abril as 8 horas da manhã*)

Presidente Paulino S. Anna

Secretarios Grassini e La Scala.

Abre-se a discussão com o tema 19º.

Creação de uma escola noturna de geometria para os socios.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Bigallo. — Diz que os Sindicatos estão sobrecarregados de trabalho, pois devem procurar pôr em pratica outras iniciativas cuja utilidade panteteiou-se pelas discussões do Congresso. Acha que podemos aproveitar das escolas publicas e gratuitas de geometria que funcionam actualmente.

Gallo: — Não todas as classes de operarios precisam estudar geometria, esta é portanto uma questão interna dos sindicatos e deve ser resolvida particularmente por cada associação.

Chiara. — E' do mesmo parecer. Acha que a discussão sobre este assunto não tem importancia, pois, como bem disse o Gallo, os sindicatos que reconheçam a utilidade da escola de geometria podem proceder particularmente a creação da mesma.

La Scala. — Diz que a Federação Operaria Local de Santos já fundou a escola de geometria que é frequentada por poucos socios.

O mesmo façam os outros sindicatos.

Durão. — E' de acordo com La Scala e os outros companheiros.

E' aprovada a proposta de deixar ao arbitre de cada sindicato o encargo de por em pratica ou não esta iniciativa.

O tema 20º.

Qual é a melhor maneira de castigar os crumiros?

SIND. DOS TRAB. EM VEICULOS, *S. Paulo.*

Fica prejudicado pelas deliberações anteriores.

E' posto em discussão o tema 21º.

E' util que por ocazião de greves a Federação se encarregue de abrir um armazem para vender os generos aos grevistas, o mais barato possivel?

SINDICATO DOS CANTEIROS, *S. Paulo.*

Grassini. — Acha que o tema está um tanto prejudicado pelas deliberações já tomadas pelo Congresso.

Bigallo. — Sustenta a necessidade de fazer-se funcionar este armazem, que não é uma cooperativa, porque só deveria ser aberto em ocasião de greves. Não vê a impossibilidade de realizar esta iniciativa para a qual bastaria pedir um emprestimo aos sindicatos que lhes seria devolvido ao acabàr do movimento.

Sorelli. — E' contrario á opinião de Bigallo e á ideia do sindicato dos Canteiros. Um armazem que funcionasse em determinados periodos de tempo pouca o nenhuma economia poderia trazer aos que ali fossem comprar generos.

E, depois, é absurdo pensar que os grevistas, mesmo tendo dinheiro, paguem os generos de necessidade num armazem que funciona por conta da federação. Esta não se pode recuzar de distribuir generos, mesmo sem dinheiro, portanto reapareceriam todos os inconvinientes citados na occazião que se tratou do subsidio de greve.

Que a federação possa vender generos aos grevistas é, creio, impossivel, se o armazem serve para distribuir mantimentos a todos os grevistas a proposta não pode ser aceite porque estaria em contradição com a deliberação tomada a respeito do subsidio.

Chiara. — Cré que o tema está efectivamente prejudicado, desde que se patenteia a impossibilidade da federação negociar generos em ocaziões de movimentos.

Do mesmo parecer são os companheiros *Vela*, *Durão*, *Cavicchioli e Grassini*.

Pergunta-se ao congresso o parecer a respeito do tema em discussão e a maioria concorda em considerar inutil uma maior discussão pois o tema já está absorvido pelas deliberações anteriores.

E' util a sabotajem?

SINDICATO DOS METALURJICOS.

São Paulo.

Gallo. — Quando se discutiu o tema 13º tomou-se a deliberação de aconselhar aos operarios de deixarem as maquinas, antes de se porem em greve, em condição de não poder funcionar. A utilidade da sabotajem está, portanto, demonstrada.

Sorelli. — Esta é apenas uma parte da acção de sabotaje. Ha outras que não foram discutidas e, talvez, ainda desconhecidas no movimento operario do nosso paiz.

A sabotagem é, de por si, um metodo de luta que pode, em certos casos, surrogar, com alguma vantagem, a greve, e consiste em prejudicar o proprietario da oficina ou da fabrica, continunando a permanecer no trabalho. Deminuir consideravelmente a produção, fazer com que a mesma resulte de qualidade inferior, inutilizar a materia prima; tudo isto e ação de sabotaje, e desde que se proceda com a devida cautela pode esta ação trazer á nossa cauza muitas vantajens.

Boschetti. — Não vé nesta ação as vantajens acenadas pelo companheiro Sorelli.

Dertonio. — E' favoravel ao sabotaje e acha util a sua aplicação.

Luiz Bento. — Acena a alguns metodos de sabotaje que são de facil actuação e de rezultado immediato.

La Scala — Diz que a utilidade da sabotaje nos é demonstrada pelos ezemplos que nos vêem de fora.

Propõe ao Congresso que aceite este meio de luta e aconselhe aos operarios que o podem fazer, de activar a propaganda entre os seus companheiros a favor da sabotajem demonstrando verbalmente e com artigos nos nossos jornais a sua utilidade e os diversos meios de pô-la em pratica.

A proposta de La Scala é aceite por unanimidade.—

Discute-se o seguinte tema apresentado á ultima hora pela Liga dos Trabalhadores em madeira.

Será util a instituição de escolas livres para os meninos até 14 anos de edade e qual os meios para lhes garantir o funcionamento?

Ruis. — Em nome e por encargo do sindicato que reprezenta demonstra ao congresso a necessidade de livrar os nossos filhso do ensino ultra-patriotico do Estado e das mentiras do ensino relijiozo creando no seio dos sindicatos operarios aulas especiais de ensino livre para os meninos.

La Scala. — E' de parecer que as escolas sejam de uma utilidade imensa, mas acha que seria melhor funda-las a parte do sindicato.

Dertonio. — As escolas na sede do sindicato poderião trazer utilidade em cidades pequenas, mas nos grandes centros industriais é necessario que as escolas sejam fundadas nos bairròs para facilitar aos filhos dos operarios a frequencia ás aulas.

Opino que os sindicatos ou a federação se façam iniciadores da fundação de escolas, mas que estas funcionem indipendentemente do sindicato e fóra da séde social.

Sorelli. — E' de acordo com Dertonio mas acha que não se pode terminantemente dizer que as escolas devem funcionar fora da sede do sindicato porque dão-se casos, como Dertonio acaba de dizer, que estes podem, sem prejudicar á concorrencia dos alunos, fazer funcionar as aulas na sua sede.

Angelini. — Opina que as escolas livres devem funcionar a parte do sindicato, mesmo para facilitar a matricula dos que não são filhos de socios.

Falam ainda sobre o assunto *Cavicchiolli*, *Vela*, *Chiara*, *Gallo* e outros acabando-se por aceitar a seguinte moçao apresentada por La Scala.

Considerando que de maneira alguma se pode negar a utilidade da creação de escolas livres; que, porem, o funcionamento das mesmas pode variar de conformidade com o ambiente e os meios de que os sindicatos dispôem;

O segundo Congresso Estadoal Operario opina que os sindicatos e as federações operarias se façam iniciadores da fundação de escolas livres resolvendo internamente a respeito da forma que devem as mesmas adotar pelo seu funcionamento.

Sendo concluida a discussão dos temas apresentados ao Congresso passa-se ás

Várias

O prezidente pede aos congressistas se ha alguem que deseja por em discussão propostas que possam ser tomadas em consideração e que se relacionem com o movimento operario.

Sorelli: A pedido do companheiro Palmiro Grassini pede que o congresso se pronuncie a respeito da necessidade de organizar no nosso meio un « Comité Pro-prezos » que tome a seu cuidado aussiliar as victimas do movimento operario.

A proposta é aprovada por unanimidade e delibera-se que os sindicatos das diversas localidades do Estado procurem pôr em pratica immediatamente esta iniciativa.

Gallo: Pede que se esclareçam e se demarquem as atribuções do Comité da Federação.

Delibera-se, depois de breve discussão, que o Comité da Federação tenha amplos poderes nas rezuloções que sérvem para cumprir com o mandato recebido que è o de fazer propaganda pela organização, mas que por todas as novas iniciativas devem ser interpelados por meio de referendum todos os sindicatos Federados.

Gallo: Propôe que se discuta a respeito da necessidade de organizar um Congresso Nacional Brazileiro.

Delibera-se convidar a Confederação Operaria Brazileira a estudar a questão e deliberar a respeito.

Aceita-se uma proposta de *La Scala* para activar em todo o Brazil a propaganda pelas 8 horas de trabalho.

Grassini: Pede que o Congresso discuta se podem ou não ser aceites como socios dos sindicatos os operarios que trabalham por sua conta.

Delibera-se de aceitar nos nossos sindicatos todos os operarios que trabalham por sua conta, desde que não trabalhem além do horario que vigôra na classe e que não esplorem outros operarios ou mais que um aprendiz.

Delibera-se não ser necessario marcar desde já a localidade onde será realizado o 3º. Congresso Estadoal, e que a sede da Federação Estadoal continue a ser em S. Paulo.

Delibera-se procurar á adezão á Federação de todos os sindicatos operarios do Estado.

O Comitè Federal será composto de 2 delegados por cada cidade onde haja sindicatos operarios federados.

Sorelli: Por encargo da Federação Estadoal Operaria comunica que a mesma deliberou de dar novo e mais valiozo impulso á propaganda do « Boicotte á casa Matarazzo » e que para este fim foi nomeado un Comité especial. Dá leitura a um oficio que o mesmo Comité dirije aos Congressistas pedindo que todos, particularmente os do interior do estado, se encarreguem de levar a questão nas assembleias do respectivo sindicato.

Delibera-se que em cada localidade do interior onde haja organização operaria seja nomeiado um Comitè « Pro Boicotte » com o fito de dar maior impulso á propaganda do mesmo.

Estes comités estarão em assidua correspondencia entre si para pôr em pratica as decizões tomadas.

Sorelli: Em nome da Eederação Operaira dà por acabados os trabalhos do segundo Congresso operario Estadoal e convida os prezentes á maior actividade possivel para que o mesmo possa trazer ao movimento operario do nosso paiz os beneficios por todos almejiados.

Do Rio de Janeiro

A GREVE DO GAZ

Todos, mais ou menos, estão ao par, pela leitura dos jornais, das cauzas que motivaram a greve dos operáris da Copanhia do gaz, propriedade da *Light*. Por isso nos limitaremos á rezenhar ligeiramente esse movimento.

A Companhia precizava aumentar a produção de gaz, mas não queria empregar mais pessoal, pretendendo rezolver a questão com o aumento de mais 47 kilos sobre o pezo de 98 que carregavam os operários. Em comparação aumentava apenas 1$ no ordenado.

Os operários não se submeteram a tal ezijéncia e declararam-se em greve com a adezão de todo o pessoal da fábrica.

A Companhia recorreu ao governo que, com a maior solicitude, facilitou-lhe foguistas da Armada e praças do Corpo de Bombeiros para substituir os grevistas. Este pessoal, porem, foi insuficiente para dar conta do serviço, ficando a cidade ás escuras durante os dias que durou a greve.

Em vista da firme rezisténzia dos operários, contra os quais não valeram as ameaças da poderoza *Light*, aussiliada pelo governo, nem as fantásticas noticias de grande número de operários contratados em S. Paulo, a Companhia viu-se obrigada a ceder e no dia 16 recomeçou o trabalho, sendo dispensados todos os crumiros que haviam sido contratados durante a greve.

Mas os directores da Companhia, habituados a impor a sua soberana vontade em todas as ocaziões, não se podiam conformar com sofrer semelhante derrota e tentaram, logo no primeiro dia, despedir dois operários a quem atribuiam a chefia do movimento. Apenas correu tal noticia pela fábrica, todos os operários abandonaram o trabalho novamente, dando assim uma amiravel prova de solidariedade, forçando os directores a revogar a sua rezolução, recomeçando o serviço só quando os dois companheiros foram readmitidos.

Terminou assim a greve com uma victória para os operários, devida escluzivamente á sua enérjica atitude.

Durante a greve houve alguns conflictos entre crumiros e grevistas, recebendo aqueles algumas lições bem merecidas. Os grevistas prezos foram postos em liberdade porque assim o ezijiram os operários antes de voltar ao trabalho.

O serviço da fábrica foi normalizado e até agora não houve novo incidente. Mas, ao que parece, as coizas não pararão aí. A Companhia não está acostumada a ceder diante de ninguem. Considera-se onipotente pela força do seu capital, e não pode suportar que homens a quem não conseguiu subjugar continuem a trabalhar na sua fàbrica. Está no firme propozito de substituir *todo* o pessoal que tomou parte na greve. E o conseguirá se os operários não se preparam para uma rezisténcia tenaz, coiza um pouco dificil de conseguir com uma massa de operários alheios, na sua grande maioria, ao movimento social e confiantes na conversa de advogados que procuram afasta-los do caminho que deveriam seguir para sustentar a luta em que se empenharam.

A obra dos advogados durante a greve foi nula. Depois ela está sendo funesta porque estão transviando os operários, aconselhando-lhes que não devem ir á Federação Operária. Nesta obra coadjuvam a policia que é quem tem mais empenho nísso.

Apezar de tudo a Federação fez, e continuará a fazer o possivel para que os operários compreendam que devem associar-se para tratar eles mesmos dos seus interesses, precindindo de intermediários estranhos e sobre tudo de advogados.

No dia 12 a Federação convocou um comício de solidariedade para com os grevistas e de protesto contra a intervenção do governo. Compareceram quazi todos os grevistas. Diversos camaradas fizeram uzo da palavra analizando a situação e aconselhando aos operários que finda a greve, tratassem de se associar para rezistir ao capital.

A policia fez alarde dum ridiculo aparato de força. No sábado á noite, colocou á porta da Federação 4 praças de carabinas embaladas, e os ajentes frequentaram a séde até á meia noite. No domingo grande número deles assistiu ao comicio, sendo alguns camaradas chamados á policia com o único fim de serem incomodados.

Isto não impediu que o sr. Evaristo de Moraes dizesse, num artigo publicado no *Avanti!*, que a policia foi correcta nesta ocazião. Mas ele esplica: foi correcta... porque cometeu menos abuzos do que outras vezes...

E' o cazo do católico que tendo quebrado uma perna, dá graças a Deus por não ter quebrado as duas...

A policia foi meno brutal do que outras vezes, mas não correcta.

***

A imprensa nesta ocazião assumiu uma atitude um pouco diferente da em que acostuma colocar-se nestes cazos. Alguns jornais atacaram os grevistas, empregando sofismas neles ha-

bituais nestes cazos, e outros defenderam-nos... porque assim convinha aos seus interesses.

Não podemos, porem deixar de fazer notar a atitude do sr. Medeiros e Albuquerque, que, na sua «Ordem do Dia» da *Noticia*, disse a propozito da greve coizas que cauzaram um medonho escandalo no mundo burguez.

Medeiros e Albuquerque não è um defensor dos operarios. E' um politico profissional, um inimigo nosso; está do outro lado da barricada. Mas devemos reconhecer que è um dos poucos jornalistas, talvez o unico, que se atreve a dizer certas coizas. Verdade è que procura dize-las só em ocaziões em que não comprometa a sua pozição, mas tem a corajem de isso fazer alguma vez, coiza rara neste ambiente de cobardia e de mizèria moral que circunda o jornalismo burguez.

De boa vontade transcreveriamos o artigo que o sr. Medeiros e Albuquerque publicou no dia imediato á declaração da greve, mas a falta de espaço no-lo impede.

Transcrevemos apenas os primeiros periodos por serem os que provocaram a serie de escomunhões e ataques de quazi toda a imprensa;

«Aos operarios de emprezas privilejiadas, que gozam de favores publicos, só um conselho se póde dar, um conselho calmo, prudeute, meditado. E o conselho é este: nunca se limitem a fazer greve; quando precizarem protestar contra alguma estorção, comecem por destruir maquìnas, aparelhos, edíficios dessas emprezas.

Dir-se-á que este conselho, anunciado como muito calmo, é ao contrario, subversivo e revolucionario. Ha uma injustiça nessa apreciação. Verificado que não eziste meio legal nenhum de se fazer prevalecer o direito, só ha recurso perfeitamente recomendavel; a violenvia. E' aliáz preceito juridico o que permite repelir a força pela força. Pouco importa a maneira pela qual a força é empregada.

Assim, o que os operarios deviam ter feito era destruir retortas, gazometros, encanamentos...

Certo isso nos cauzaria a todos nós, bons burguezes pacatos, grave prejuizo Mas num cazo destes, não era dos operarios e sim do governo que nos temos de queixar, pois que é o governo que acua os operarios a esse dilema; ou a violencia ou a mizéria.

Neste momento, por ezemplo, nós estamos vendo que os operarios. por terem querido ajir calmamente, dentro da lei, vão ser mais uma vez sacrificados a uma empreza onipotente, que zomba do povo, zomba do governo: zomba de todos nesta capital.

Isto valeu o qualificativo de anarquista ao deputado Medeiros e Albuquerque, autor da lei de espulsão de estranjeiros!

MANUEL MOSCOSO.

REUNIÃO

Todos os membros dos conselhos dos Sindicatos de São Paulo são convidados para uma reunião geral no sabado 2 de Maio as 7 e meia da noite para tratar de assuntos de muita importancia.

Publicaremos no prossimo nnmero correspondencias de E. S.to do Pinhal, Jahu, etc. artigos de polemica e a Cronica Internacional.

Cooperativas de produção
no Rio de Janeiro

Aquì, no Rio, como em todo a parte, ha de vez em quando falta de trabalho, isto è: esta capital é invadida diariamente por enormes multidões de imigrantes que, ou fojem ao serviço militar dos paizes onde naceram, ou buscam o pão que a *patria amada* lhes negou. De sorte que ha aqui sempre grande abundancia de braços e, nos momentos da terminação de grandes obras da reforma por que está passando esta cidade, é grande o numero de trabalhadores atirados á rua, e é nesse momento esactamente que algums procuram as associações de classe, quando as ha, do seu ramo de trabalho.

Pois bem, nós atiavessamos agora um desses momentos. Os vapores chegados da Europa vomitam milhares de pobres trabalhadores sobre esta cidade. As obras que vão terminando em grande quantidade, lançam á dezocupação um não menor numero de operarios, de que já se vêm as ruas constantemente cheias, e que em vão procuram trabalho. Mas não é só. A industria nacional por sua vez está atravessando um periodo de dibilidade.

A crizi pois esta acentuada. Na classe dos canteiros ha mais de um ano que êlá se nota em toda a sua pujança aterradora, ameaçando com a fome aquêles, aliáz muitos, que dezempregados, não dispozerem de dinheiro para buscar outros lugares. Nas fabricas de chapèus ha dois ou trez mezes que êla tambem domina. Nos marmoristas começa agora. Nos teceloes já faz tambem algumas victimas. Nos sapateiros então è tremenda. A qualquer canto se encontram esses *grévistas* forçados. Nas demais classes algo êla, a crise, vae fazendo; e ha alguem que a espera como a salvadora do movivento operario. Ha quem diga que o que não tem feito a propaganda senão em pequenas proporções, fará agora a mizeria a que inevitavelmente serão assoijetadas milhares de creaturas sem pão. Não sabemos se erram aqueles que assim pensam. No entanto, o correr dos factos nos orientará. Por agora não é nosso intuito demonstrar n'estes rabiscos o que fará amanhã esta falta de trabalho.

Para os canteiros foi bem mau o resultado que a crize produziu; e é principalmente isso que nos trouxe aqui, porque até agora ninguem se lembrou de relatal-o. Ao menos que sirva de ensinamento para evitar futuros desastres, o que nós não achamos de todo improvavel.

Quando os trabalhadores em pedreiras tinham muito trabalho, alguns pue nós tinhamos até como bons e muito concientes camaradas acharam o momento azado para, emparelhando como os patrões, trabalharem por sua conta afim, talvez, de enriquecerem e, para isso, fundaram, com grave prejuizo da associação de rezistencia que então mantinham estes operarios, varias emprezas de esploração do granito que eram compostas sempre por algumas dezenas de associados e de propagandistas, bom companheiros na sua maioria que se foram tornando algozes dos demais e do sindicato.

Estas emprezas, a que eles davam o pompozo nome de *cooperativas*, esploravam não só o granito, mas tambem os companheiros que delas faziam parte, os mais ingenuos em proveito, já se vé, dos mais espertos. Não obstante o grito que lhes levantou o jornal que n'esse tempo a sociedade mantinha, «O Congresso», não se limitou, isto a uma sò, mas havia diversas.

No entretanto não durou muito tempo esse modo de trabalhar. O trabalho escasseou e as cooperativas (?) falleceram quasi todas. Uns aproveitaram pouco outros nada. A esse tempo os poucos que ainda restavam fieis a organização, prevendo a falta quasi completa de trabalho para eles, antevendo talvez que os patrões iam aproveitar a situação para vinganças, levantaram a ideia da fundação da cooperativa social que foi um facto.

Não bastou que os companheiros adversarios das cooperativas as combatessem, não em seu fundo, mas nos rezultados que estamos acostumados a ver.

A cooperativa venceu.

A sua duração foi efimera e isto já o previamos, porque temos visto a impossibilidade de competir com os grandes capitalistas esploradores do granito, mas ainda porque temos assistido ao triste espetaculo que nos dão os cooperativistas.

E pensam aqueles que viram fracassar a cooperativa social do «Congresso União dos Operarios em Pedreiras», que foi só a concorrencia que a matou? Não. Foi mais alguma coisa. Foi tudo quanto haviamos previsto. As cauzas comuns e que antes da sua fundação, combatendo-la, alguem esperava.

E como havia de viver essa iniciativa julgada salvadora da situação desses trabalhadores, se eles não souberam em grande parte, compreender o seu dever junto a ela? Eles que na caza dos patrões trabalhavam 10 e mais horas foram então a trabalhar 8; e quantos não julgaram que poderiam trabalhar só o tempo que quizessem, vencendo o ordenado que já não lhe dariam os outros industriais? Eles diziam no entretanto que aquilo tambem era deles e não podiam admitir observações. A caza era de todos, ganhariam quanto quizessem e trabalhariam quanto tivessem *gana*.

E assim se foi a cooperativa e com êla a associação, De tudo aquilo só resta a lembrança.

Depois de tudo isto, alguns companheiros que restam fieis a organização transformaram a associação em sindicato, mas cruel decepção, não apareceu, depois de fundado o sindicato, quem queria tomar conta dele.

E' triste mas é verdadeiro.

E se alguem tirou d'ai ensinamento não foram os chapeleiros do Rio que fundaram uma cooperativa. Nós esperamos o fim que, mau grado nosso, decerto não se fará esperar por muito tempo.

Rio, 9-41-098

M. DOMINGUES.

Sindicalismo e Cooperativismo

O Congresso sindical (corporativo) francez de Amieus (outubro de 1906 aprovou a moção seguinte:

« O Congresso não vê a utilidade, por em quanto, de ligar, por um acôrdo definitivo, os dois organismos: sindicalismo e cooperação. *Todavia, convida todos os sindicados a fazerem-se cooperadores e a entrar apenas nas cooperativas que destinem parte dos seus lucros a obras sociais tendentes á suppressão do salariato.*

« O Congresso convida também todos os cooperadores a aderirem ao seu respectivo sindicato, filiado na C. G. F.

« Emite, além disso, esta opinião formal: que pelo menos, os Conselhos administrativos *das cooperativas devem ser, para o futuro, absoluta e inteiramente compostos de trabalhadores sindicados e confederados, a unica consideração que assegura aos empregados de cooperativas um carácter de segurança nos conflitos que podem surjir entre êles e os Conselhos administrativos. »*

Nesta moção vêem-se as ideias dos sindicalistas francesez (refirimo-nos aos sindicalistas dos sindicatos, isto é, aos associados, aos sindicados ,e não aos que, fora dos sindicatos, possam formar uma espécie de novo partido, coiza que não temos aqui). Temos, pois:

a) Autonomia *do sindicalismo em frente do cooperativismo. Dois organismos deferentes, duas diferentes funções, Não há guerra: há divisão de funções, para que não se embaracem.*

b) « Por em quanto, » separação, *recuza duma aliança. As cooperativas, estão inquinadas de burguezismo; dentro delas há luta de classe, há* greves.

c) Esforço no sentido duma proletarização *das cooperitivas, duma infiltração de sangue revolucionario.*

Não só se proclama a autonomia, sempre indispensavel, uma divizão de funções, mas até se recuza uma aliança. Por toda a França se adquiriu uma esperiencia salutar com a acção de rezistencia a cada passo absolvida e destruida pela cooperação — como na Belgica.

E aqui mesmo no Brazil, temos os ezemplos dos canteiros do Rio e dos marmoristas de S. Paulo.

Uma Resposta

Companheiros da « Luta. »

Depois de haver esposto, e bem claramente a minha opinião, não tencionava voltar ao assumto já tão debatido,

Porèm o companheiro de Santos, La Scala, faz uma pergunta que o artigo por mim assinado não podia sucitar.

Assevera o companheiro ter dito eu qne ás organizações de Santos, Campinas, etc. eram deficientissimas, quando eu apenas disse serem dificientissimas às provas que apresentavam-me, dando como ezemplo essas organizações.

Pergunta ainda o companheiro; se conheço as organizações de Santos, Campinas etc.

Respondo que as de Santos não as conheço e que a nenhuma delas eu me referí pelo mesmo no ponto em que o companheiro interpela, porém conheço o elemento desses logares, e sei que a propaganda (foi o que referi) nelas feita, produz um resultado muitissimo differente da feita, por exemplo, om Mocóca, Bebedouro, Porto Felis, Cravinhos, etc, logares, estes onde eu creio que a propaganda não deve ser feita como em Santos, Campinas etc. devido a diferença do seu elemento, mais sim na forma delineada no meu artigo do n. II.

E por esse motivo julguei e continuo a julgar que dando como prova o ezemplo da formação destas ligas para mim não bastam.

E' a minha resposta.

S. Paulo 17—4—908 CRUZ.

Sindicalismo e espropriação

O movimento trade-unionista naceu numa epoca em que os trabalhadores não ouzaram fazer a sua critica ao capital. Tiveram que limitar-se á defeza des seus salarios, à luta contra a esploração do trabalho infantil, á conquista do direito de associação que sempre lhes foi negado e ainda o è pelos governantes e juizes eleitos pela burguezia. Hoje esse movimento deve pela propria força das coizas alargar os seus horizontes.

Os capitalistas pretendem tratar os trabalhadores como intruzos na produção. O capitalista è que é o intruzo: ele é que deve ser despojado de toda fiscalização na produção e espulso da fabrica.

A corporação medieval era tudo: comprava as materias primas, vendia os produtos; tinha os seus juizes, ou melhor os seus arbitrios para rezolver as contendas, a sua milicia que enviava ou recuzava enviar á campanha em tempo de guerra. E a industria fez em duzentos anos tão rapidos progressos que nem hoje foram escedidos.

Os trabalhadores de hoje seriam pois tão inferiores aos da idade média que nada pudessem fazer sem os capitalistas? O sindicato de oficio que dirige a produção e se apodera da fábrica: a cooperação que se encarrega de distribuir os productos pelo preço do custo; a comuna que se apossa das terras, das cazas, de tudo o que serve para satisfazer as necessidades de todos: eis três movimentos em germe. E basta una revolução nas ideias e nos factos — a revolução social — para que eles forneçam os três elementos essencialissimos para a organização da sociedade futura.

(Resumo duma conferencia em 1898).

PEDRO KROPOTKINE.

O trabalho infantil.

Um artigo de André Bellessort, na Revue des Deux-Mondes *do 1.° de março, pôi na sua nudez pavorosa a condição do proletariado industrial no Japão.*

Os operarios das fiações de algodão-onde os acionistas recebem dividendos dè 15 a 25 por cento - ganham, em media, o equivalente, ao cambio actual, de 400 a 500 reis por 12 horas de trabalho; as mulheres, metade. Descanço: 20 minutos ao meio dia ou á meia noite.

As crianças — a mais velha das quais não tem 13 anos — trabalham de noite e de dia.

— E quanto lhes dão? perguntou o sr. Bellesort.

— Cinco sen *(uns 70 reis!)*

— Pelas 12 horas da noite?

— De noite e de dia (!!!)

Os olhos desses pequenos condenados prendiam-se, como que hypnotizados, a essas bobinas girantes onde diz o articulista citado, «eu não podia ficsar os meus sem esperimentar uma especie de vertijem». Estavam todos esfarrapados.

— E' bastante curioso, disse-lhe o director: nas três ou quatro primeiras noites as crianças caem de sono. Depois, vem o costume, e velam melhor que os adultos Quer acreditar? São êlas que trabalham mais. Por isso como está vendo, temos muitas.

Dante não teria imajinado isto ao pintar o seu inferno!

Convem notar que os japonezes sujeitam-se a viver mizeravelmente, podem vegetar com pouquissimo. Em geral, o operario europeu ou americano, a custo de todas as revoluções, não se venderia tão barato. E quando se tiver emancipado do jugo do Estado e da propriedade, êle sabera levar ao seu irmão do Estremo-Oriente o aussilio do seu ezemplo e, se for precizo, do seu braço. Um ninho de escravos é uma ameaça para todo o mundo: hoje podem fazer concurrencia, amanhã poderão destruir a sociedade nova.

O prossimo numero da « Luta Proletaria » sairá no sabado 9 de Maio.

Estamos lutando com serias dificuldades financeiras, pois o presente numero sai com um *deficit* de 200$000.

Pedimos aos nossos assinantes do interior e aos companheiros que recebem pacotes do jornal o favor de remeter-nos com urjencia as munições necessarias para a vida do jornal.

Os assinantes de S. Paulo receberão nestes dias a visita do nosso encarregado. Procurem de satisfazer ao seu dever, facilitando-lhe a cobrança das assinaturas,

Il Primo Maggio

Il suo passato e il suo avvenire

Le origini

Quali sono le origini del Primo Maggio? Se, per essere esatti, si volesse risalire a vecchie tradizioni e rinvangare il passato, sarebbe facile ritrovare documenti autentici che gli costituirebbero una rispettabile genealogia.

In ogni tempo e in quasi tutti i paesi, presso tutti gli antichi popoli, nel Messico come in Europa, il Primo Maggio fu pretesto ad agitazioni e feste, ln quel giorno, nel Nord dell'Europa, si piantava l'albero di Maggio, una betulla rivestita delle prime foglie, ornata di banderuole, corone e ghirlande.

Dopo averlo portato di casa in casa, l'albero veniva piantato sulla piazza del villaggio, e il popolo festante gli danzava attorno. Era forse il ridestarsi della natura, il rifluire della vita, il trionfale ascendere del sole sull'orizzonte che rallegravano i nostri padri?

E nello sceglierə questa data, i lavoratori d'oggidí hanno essi inconsciamente seguito il cammino tracciato dai loro antenati? Puó essere. In ogni caso, per non parlare che della sua origine piú recente, il Primo Maggio viene a noi dall'America e la sua adozione in Europa data solo dal 1889.

La conquista delle otto ore negli Stati Uniti

La manifestazione del Primo Maggio decisa dal Congresso dei Sindacati operai

Fu nel 1885 che negli Stati Uniti si decise di festeggiare il Primo Maggio, e — come data per la prima grandiosa manifestazione — fu fissato il primo maggio 1886.

E in mezzo al popolo e in seno ai sindacati operai che germoglió questa concezione , sfruttata piú tardi in Europa dai politicanti. L'origine della manifestazione del Primo Maggio — non lo si ripeterà mai troppo — va ricercata nel movimento sindacale.

Nei gruppi corporativi, veri focolari di vitalitá popolare, se ne trattò per la prima volta, e gli iniziatori decisero d'agire sul terreno economico, all'infuori d'ogni tendenza politica.

Dopo una serie di disillusioni per le riforme inutilmente domandate al governo, dopo aver atteso invano dai pubblici poteri la riduzione della giornata di lavoro, le «Trades Unions» d'America decisero di non contare piú che sulla propria energia per ottenere i miglioramenti desiderati. E, a mezzo di un'azione diretta contro i padroni, a mezzo di una levata in massa dei lavoratori, da effettuarsi in una giornata preventivamente scelta — quella del primo maggio 1886 — esse tentarono di imporre agli sfruttatori la giornata di otto ore di lavoro.

Sarà bene ricordare che i prodomi del movimento, che ebbe per risultato la colossale manifestazione del primo maggio 1886. vanno ricercati in una lunga e trionfante campagna di boicotaggio.

il boicotaggio

Quando si é veramente decisi di agire da soli, senza più riporre la speranza di un miglioramento delle proprie sorti sia nell'intervento di Dio, sia nell'onnipotenza dello Stato, si arriva, per quanto differenti possano essere gli ambienti in cui viviamo ad una forma identica d'azione.

In Italia, oggi, i lavoratori sono imbevuti d'un vivificante scetticismo verso i pubblici poteri, s'abituano a non fare piú assegnamento alcuno sulla benevolenza del governo e incominciano a praticare il boicotaggio.

E quando noi osserviamo che già nel 1884 gli americani si trovavano in uno stato d'animo che si avvicina di molto al nostro, che già diciasette o diciotto anni or sono, praticavano con maestria incomparabile il boicotaggio, oggi stesso ancora poco famigliare per noi, ci accorgiamo quanto siamo lenti nel precisare i nostri metodi di lotta.

Durante l'anno 1885, furono praticati agli Stati Uniti più di 250 boicottaggi, la metà dei quali ebbero esito felice per la classe operaia. A New York, nelle ultime settimane dello stesso anno uno dei grandi teatri fu boicottato, rifiutandosi il direttore di accettare musicisti sindacati. Il teatro restó vuoto per più di un mese, dopo di che il direttore, per sfuggire alla rovina, finì per sottomettersi, accettando le proposte che i musicisti avevano fatto ed assoggettandosi inoltre a versare una somma di 400 dollari (2000 lire circa) alla cassa dei disoccupati. E quando a loro volta i grandi giornali quotidiani della stessa Now York impiegarono operai non sindacati, furono messi essi pure all'indice e dovettero poscia pagare un'indennitá che da 2000 salì a 2500 lire. L'impresa stessa del *New York Herald* che,senza esagerazioni, può essere considerato come uno dei più potenti giornali del mondo, malgrado tutta la sua forza dovette piegare la testa ed accettare le condizioni che le venivano fatte.

Preparativi per il Primo Maggio

Noi abbiamo già detto, che fino al 1885 gli operai americani si erano lasciati illudere dal miraggio dei miglioramenti politici: essi avevano domandato delle riforme alla Camera Legislativa ed al Senato, che, com'era da aspettarselo, non le presero nemmeno in considerazione; e questo fatto, ultimo di una serie continua di disinganni, fece comprendere aí lavoratori d'oltre mare che non dovevano contare che sulle proprie forze.

La Federazione delle Camere sindicalì degli Stati Uniti, che contava 380.000 membri ed um centinaio di giornali corporativisti regolarmente pubblicati, erano già l'indizio di un superbo sviluppo· Ed è da questa organizzazione puramente corporativa che partì l'idea della manifestazione del Primo Maggio in base al programma delle otto ore di lavoro.

A fianco di questa crganizzazione economica si era rapidamente sviluppata una Societa segreta «I Cavalieri del Lavoro», la cui propaganda andava di pari passo con quella dei Sindacati operai.

Esisteva inoltre il partito socialista con teorie d'importazione europea e quindi meno influente, ed un nuovo partito che sì affermava internazionalista e decisamente antiparlamentare. Era nato da una Convenzione tenuta nel 1883, dove erano state gettate le basi di una nuova Internazionale. Gli anarchici Alberto Parsons ed Augusto Spies ne erano l'anima.

Quest'ultimo partito, quantunque imbevuto d'idee teoriche più larghe, partecipò attivamente al movimento in favore delle otto ore di lavoro.

Nel novembre e dicembre del 1885 si tennero simultaneamente due Congressi, quello dei Cavalieri del Lavoro e quello della Federazione delle Camere sindacali, nei quali fu deciso di raddoppiare la propaganda e gli sforzi per ottenere la giornata di otto ore di lavoro; e per dare una maggior precisione e un piú forte impulso al movimento fu convenuto che il Primo Maggio 1886 i lavoratori imporrebbero la adozione di tale giornata ai loro padroni. A partire da quella data la giornata il lavoro non avrebbe dovuto prolungarsi oltre le otto ore; gli operai arriverebbero sul lavoro alle otto del mattino per abbandonarlo alle cinque del pomereggio.

Si stabiti anche che in tutte le industrie ed in tutti gli opifici che rifiuterebbero una tale concessione il lavoro sarebbe sospeso fino ad accettazione.

Allora si organizzò una gigantesca propaganda che continuò ininterrotta fino al Primo Maggio 1886.

I comizi si succedevano ai comizi e tutte le mozioni acclamate freneticamente concludevano in favore della giornata di otto ore a partire dal Primo Maggio 1886.

Dimostrazioni e cortei pubblici ed entusiasti s'organizzavano ovunque negli Stati Uniti e il lavorío di preparazione diventava sempre più febbrile; i clamorosi evviva in favore delle otto ore risuonavano dovunque. Manifesti, avvisi, proclami in inglese, in tedesco, in olandese. in polacco, in greco, in svedese, ecc., venivano distribuiti, profusi a migliaia e tutti ripetevano sotto svariate forme che, il primo Maggio 1886, tutti i lavoratori dovevano imporre ai loro padroni l'attuazione della giornata di otto ore.

Le Camere sindacali raddopiavano di ardore, i loro giornali corporativisti erano pieni di proclami in favore delle otto ore e tutte votavano degli ordini del giorno, fra cui quello dell'Unione dei carpintieri ed ebanisti, che noi riproduciamo, puó dare un'idea:

« A partire dal 3 maggio prossimo, la giornata di otto ore diventerà la giornata normale, tutti i padroni ed impresari saranno avvertiti di questa decisione con lettera stampata;

« A partire dal 3 maggio prossimo, nessun membro della Camera sindacale dei carpintieri ed ebanisti acconsentirà a lavorare in una officina dove la giornata di otto ore non sarà stata applicata e si rifiuterà di lavorare con carpentieri o ebanisti non sindacati.»

Prima del Primo Maggio

Il movimento in favore delle otto ore raggiunse una tale intensità che parecchi padroni concessero la richiesta riforma senza attendere il Primo Maggio e dalla seconda metà di aprile misero in vigore la giornata di otto ore pur mantenendo invariato il salario. Il numero dei lavoratori che nei diversi centri avevano ottenuto la giornata di otto ore prima del Primo Maggio era valutato a 32.000, e così senza sciopero, senza la benchè minima cessazione del lavoro, per la semplice minaccia di manifestazione e di sciopero generale, centinaia di capitalisti furono forzati a piegare davanti ai loro operai e ad accettare i loro reclami.

Il Primo Maggio 1886

Lo slancio fu formidabile! Da un capo all'altro degli Stati Uniti, gli operai di tutti i mestieri abbandonarono il lavoro e le vie e le piazze di tutte le grandi città industriali rigurgitarono di popolo manifestante che un' unica parola d'ordine chiamava all' azione:

A partire da oggi nessun operaio lavori più di otto ore al giorno! Otto ore di lavoro, otto ore di riposo, otto ore di educazione!

I risultati furono immediati. In pochi giorni, grazie allo spirito di solidarietà, 125.000 operai ottenevano la giornata di otto ore. Questa cifra aggiunta ai 32.000 lavoratori, cui era già stata concessa la riduzione della giornata per paura del Primo Maggio, formava il totale di 157.000.

E la conquista delle otto ore non fece che progredire! Un mese dopo il numero dei lavoratori che l'avevano ottenuta oltrepassava i 200.000; però molte corporazioni dovettero ricorrere allo sciopero per vincere la resistenza dei padroni.

La manifestazione del Primo Maggio 1886 fu dunque il trionfo negli Stati Uniti, della giornata di otto ore di lavoro, e i lavoratori che, a questa data memorabile, non ottennero miglioramenti, furono soli i poveri incoscienti, troppo docili schiavi che si spaventano all'idea d'una società senza padroni e ripetono stupidamente il sofisma borghese: "Chi ci darebbe lavoro se i padroni non esistessero?"

Nondimeno, questi poveri diavoli, senza aver fatto nulla per attenuare la loro miseria, approffittarono dell'azione energica dei lavoratori organizzati e coscienti. Ed oggi negli Stati Uniti, salvo rarissime eccezioni ia giornata normale è di otto ore.

Il Primo Maggio 1886 a Chicago

Gli operai di Chicago superarono in ardore i compagni delle altre città, nel preparare ed eseguire la manifestazione del Primo Maggio.

L' enorme città, grande focolare rivoluzionario degli Stati Uniti, era all'avanguardia del movimento sociale. Cosí il Primo Maggio, con uno slaucio superbo ed un' ammirabile unione, gli operai di Chicago cessarono il lavoro. e il numero di coloro che conquistarono, in seguito, la giornata di otto ore. fu considerevole. I meno favoriti — vale a dire coloro i cui padroni resistettero — 35 o 40.000 circa, continuarono lo sciopero per vincere la cocciutaggine degli sfruttatori.

Alcuni di questi riuscirono ad ingaggiare nei diversi villaggi ed a condurre a Chicago, con grandi spese degli *scabs* (krumiri), per farli lavorare malgrado lo sciopero.

Il 3 maggio da sette a dieci mila scioperanti s' affollavano davanti alla porta della fabbrica di macchine agricole di Mac Cormich (una delle più grandi fabbriche di Chicago), collo scopo di costringere gli *scabs*, che ivi lavorano, ad abbandonare il lavoro.

Ad un tratto, senza ragione nè preavviso, una banda di poliziotti assaliva i lavoratori, scaricando i revolvers a bruciapelo. Gli scioperanti, in principio stupefatti, fuggirono; ma ben presto allo istintivo terrore successe la collera; cessarono di fuggire e tennero energicamente testa agli aggressori.

La battaglia durò un quarto d' ora e i poliziotti stavano per battere in ritirata, quando sopraggiunse loro un rinforzo: dei carri montati da duecento poliziotti, armati di fucili a ripetizione, arrivarono a briglia sciolta e fecero fuoco sulla folla.

La disfatta dei lavoratori fu inevitabile! Quanti furono i morti? Non lo si seppe mai, perchè gli assassini non hanno l'abitudine di contare le loro vittime.

L'indomani, l'*Alarm*, edito da Parsons, e l'*Arbeiter Zeitung* (Gazzetta dei Lavoratori), edita da Spies, gridarono la loro indignazione; anzi quest'ultima lanciò un virile appello aile armi.

L'appello fu inteso, e l'indomani 15.000 lrvoratori vi risposero recandosi al convegno sulla piazza Hax-Market. Successivamente dall' alto di un carro, fatto tribuna, gli oratori popolari di Chicago, fra i quali Spies, Parsons, Fielden presero la parola.

La polizia stava sull'attenti: durante il giorno non intervenne, essa attendeva la notte per tentare — favorita dall'oscurita — di ricominciare, ma piú in grande, il massacro dell'antivigilia.

Una prima banda di 125 poliziotti armati di fucili si slanció sulla massa operaia; ma prima che questi bruti avessero potuto venire alle mani con i lavoratori, una bomba cadeva in mezzo a loro e, scoppiando ne abbatteva una ventina. Un panico folle invase i poliziotti. Ma dietro a questa prima, altre squadre si avanzarono e la battaglia incominció... I fucili a ripetizione «fecero meraviglie». Il popolo si difese eroicamente a colpi di rivoltella, ma la lotta fu troppo ineguale: dovette battere in ritirata e lo fece trasportando i suoi feriti. Il numero delle sue vittime fu sconosciuto...

Da parte dei poliziotti quattro morti e una ventina di feriti.

Nei giorni susseguenti, a Chicago, furono operati arresti e persecuzioni in massa e tutto il personale addetto all'*Arbeiter Zeitung*, redattori, impiegati d'ufficio, tipografi, ecc., furono arrestati.

Assassinio d'innocenti

Quando la follia di repressione si fu un po' calmata, nelle prigioni di Chicago non restavano, per un processo clamoroso che nell'idea di capitalisti doveva servire ad intimidire i lavoratori animati dallo spirito di rivolta — che gli anarchici Augusto Spies, Fielden, Schwab, Neebe, Fischer. Lingg e Engel.

Parsons, l'editore del *The Alarm*, aveva potuto fuggire e non lo si rivide che il giorno del processo: quando venne coraggiosamente a costituirsi prigioniero, offrendo coraggiosamente la testa al carnefice.

Gli otto furono processati e condannati a morte, quantunque la loro responsabilitá non fosse maggiore di quella di centinaia d'altri individui che se l'erano cavata con leggere condanne.

L'accusa non potè fornire prova alcuna a loro carico: nondimeno giudici e poliziotti presero tutte le precauzioni per condurre a buon porto il delitto che la bestiale ferocia dei capitalisti esigeva: l'assassinio di otto innocenti.

Si ebbe gran cura di non ricercare colui che aveva lanciata la bomba, poiché il suo arresto, dando al fatto un carattere spiccatamente individuale, avrebbe rovesciato il diabolico piano e resa impossibile la condanna degli otto propagandisti. Un poliziotto, avendo scoperto il rifugio di chi aveva lanciato la bomba, non poté ottenere l'autorizzazione di arrestarlo: la polizia lo lasció fuggire, affine di poter rendere respon-

sabili dell'attentato gli otto innocenti. Questo piano, mostruosamente macchiavellico, non fu rivelato che piú tardi dal poliziotto medesimo, ed é inutile aggiungere che l'autore dell'attentato ignorò tutte queste ignominiose manovre,

Al mattino dell'11 novembre 1887 il delitto capitalista fu consumato; quattro dei condannati — Spies, Parsons, Fischer e Engel — marciarono dignitosi al patibolo, con la calma di uomini che sanno che l'idea da essi seminata porterá ben presto i suoi frutti.

Un quinto, Lingg, non fece parte del lugubre corteo: qualche ora prima si era fracassata la testa fumando un sigaro contenente del fulminato. Agli altri 3, Fielden, Schwab e Neebe, la pena di morte fu commutata in quella dei lavori forzati, dove restarono per sette anni.

Nel 1893, un uomo integro, Altgeld, governatore dell'Illinois, in seguito ad una laboriosa inchiesta personale ebbe la prova assoluta dell'innocenza degli otto condannati: fece quindi mettere in libertá i tre superstiti e nei «considerando» che precedevano il decreto di grazia, volle proclamare l'infamia dei giudici, dei giurati, e dei falsi testimoni comprati a forza di denaro, e dimostrò pure che il verdetto preventivamente elaborato era stato pronunciato per «ordine».

Il Primo Maggio in Europa

La manifestazione decisa al Congresso Internazionale del 1889 — Lo sviamento politico.

Al Congresso Socialista Internazionale che si tenne a Parigi, nel 1889, il Primo Maggio fu accettato come data di manifestazione annuale in Europa. A ciò contribuì potentemente il prestigio esercitato dai buoni resultati ottenuti in America, poiché il Primo Maggio arrivò fino a noi circondato da una aureola di trionfo e col vantaggio di concordare l'agitazione europea con quella degli Stati Uniti. In Europa come negli Stati Uniti, la manifestazione era ispirata dalla conquista della giornata di otto ere. Solamente nell'inesatta conoscenza dei metodi di propaganda impiegati in America, per la poca famigliaritá col boicotaggio, con l'azione diretta contro i padroni e con l'agitazione sul terreno economico, la manifestazione fu mal iniziata; non si capì che la conquista della giornata di otto ore doveva essere il risultato della volontá popolare, preparata a questa riforma da una propaganda intensa; non si seppe comprendere che essa poteva solo essere realizzata dagli stessi interessati, i quali, dopo accordo, avrebbero deciso di imporla ai padroni, rifiutando per un giorno prestabilito di lavorare piú di 8 ore.

I lavoratori d'Europa, ancora troppo acciecati dalle illusioni politiche, accettarono la tattica, consistente nell'attendere dal buon volere del governo la messa in pratica della voluta riforma; dimostrarono così l'incapacità di sapersi guidare da soli.

Ammesso pure che il governo sia animato dalle migliori intenzioni verso gli operai, esso non potrebbe far altro che codificare la volontà dei lavoratori. Dunque, pur supponendo che i pubblici poteri decidessero che il massimo della durata di una giornata di lavoro non deve oltrepassare le otto ore, resterebbe ancora da convincere i padroni della necessità di una tale riforma. Ma per ciò sarebbe necessario fare appello alle iniziative ed alla volontà dei proletari, poichè l'esperienza ha largamente provato che le sole «leggi operaie» rispettate dai padroni sono quelle che i lavoratori hanno loro imposto direttamente. Per conseguenza la classe operaia si trova fatalmente condotta ad usare di quello che più o meno inconsciamente, aveva cercato evitare: *l'azione diretta.*

Nel 1889, causa l'insufficiente esperienza questa tattica non poteva trionfare; i politicanti, in Europa, furono alla testa del movimento del Primo Maggio, e sotto la loro influenza, questa manifestazione, dalle origini essenzialmente economiche, uscì dal suo vero cammino e non ebbe più che un carattere politico.

Passeggiate platoniche

L'idea della manifestazione divenne rapidamente popolare; l'eccitazione fu grande; gli entusiasti pensavano che il solo fatto di disertare fabbriche ed officine avrebbe recato un colpo decisivo al capitalismo.

Certo, se uno scopo preciso, tangibile fosse stato dato all'agitazione per il Primo Maggio, se pur promettendosi di essere tra i manifestanti di quel giorno, si fosse egualmente promesso che all'indomani, per quanto i padroni avessero fatto si era risoluti a non lavorare piú di otto ore, nulla avrebbe impedito che in Europa si ottenessero risultati identici a quelli degli Stati Uniti. Ma l'idea dominante delle manifestazioni del Primo Maggio in Europa, fu l'eterna questione: reclamare dai Pubblici Poteri l'attuazione della riforma.

La piú tipica di queste passeggiate platoniche, fu quella del Primo Maggio 1890, il primo in Europa.

Il Primo Maggio 1890 in Francia

Il popolo sollevato, entusiasta, fremente, speranzoso di un rinnovamento, fiducioso nella magica della parola, discese sulle piazze fidente nell'avvenire che il fatidico giorno gli faceva intravvedere migliore.

La piazza della Concordia é sgombra; la circolazione proibita; solo delle squadre di agenti e guardie municipali a cavallo vi compiono le loro evoluzioni, mentre dietro le griglie delle *Tuileries* luccicano le baionette dei soldati, ivi radunati e pronti al massacro.

Sono le due del pomeriggio! Dalla *rue Royale* sbuca un piccolo corteo accompagnato da manifestanti ansiosi, mentre altri lo guardano passare con inquietudine.

Sono dodici e questi dodici sono stati scelti tra i lavoratori per presentare ai rappresentanti i Pubblici Poteri l'espressione della volontà popolare e reclamare insieme ad altre riforme la giornata di otto ore. Thivrier, il deputato operaio in blouse apre la marcia. Il piccolo corteo s'avanza sulla sgombra piazza della Concordia; qualche lavoratore cerca di seguirlo, ma subito delle orde di poliziotti si gettano sopra questo piccolo nucleo di uomini e li ricacciano indietro lasciando proseguire solamente i dodici delegati.

Questi arrivano alla Camera dei deputati dove sono accolti con molte cerimonie dalle autoritá e rimettono loro un voluminoso manoscritto, che uno dei mandatarii ha portato ostentatamente attraverso le strade di Parigi e nel quale sono ricopiate con bella calligrafia le rivendicazioni del popolo.

Dopo uno scambio di salamelecchi, i dodici se ne ritornano, circondati da una squadra di poliziotti che li scorta fino al ponte della Concordia. Lá, i dodici sono brutalmente interpellati da un alto funzionario di polizia: «La vostra commissione é terminata, non dovete piú marciare in corteo!...» E ad un suo segno guardie municipali a cavallo e agenti di polizia si gettano sopra i dodici, li disperdono e li ricacciano fino alla *rue Royale.* E fu tutto.

Il Primo Maggio 1890 in Inghilterra

La Manifestazione d'Hyde Park a Londra

Non é solo in Francia, che la manifestazione del Primo Maggio fu accaparrata dai legalitari, ma in tutte le nazioni dell'Europa occidentale.

L'Inghilterra, dove la mania del potere é meno intensa che in Francia e in Germania, fece in parte eccezione, e le prime manifestazioni del Primo Maggio vi conservarono, almeno in parte, lo spirito americano.

Il piú caratteristico dei Primi Maggi inglesi fu quello del 1890. In quel giorno i lavoratori di Londra stavano quasi per conquistare, con le solo loro forze, la giornata di otto ore; essi avevano « lo stato d'animo » necessario. Cinquecento mila lavoratori si trovavano riuniti in Hyde Park. Si sentiva bollire la collera e questa massa umana era pronta a ricevere ogni impulso, una parola sarebbe bastata, — la parola del momento — e le otto ore sarebbero state conquistate.

« A partire da domani non lavoreremo che otto ore! Andremo al lavoro come di consueto, ma una volta le otto ore compiute, noi abbandoneremo le fabbriche e gli opifici... » Se queste buone parole fossero state pronunciate, esse sarebbero penetrate nel cervello di uomini che sono abituati a volere, e la battaglia sarebbe stata vinta! Esse avrebbero agito come un propulsore; e l'attivitá popolare sarebbe entrata in azione, ed invece di attendere l'azione dei suoi *desiderata* dall'alto il popolo spezzando tutte le resistenze avrebbe rese reali le sue speranze.

Un uomo, John Burns, un tribuno dalla voce possente e che lo sciopero dei Docks aveva reso beneviso agli operai, era in grado di pronunciare le fatidiche parole. Come Camillo Desmoulins, nel giugno 1789, pronunció al Palazzo Reale la parola del momento, cosí John Burns poteva lanciarla in Hyde Park il Primo Maggio 1890.

La parola non fu pronunciata; il rivoluzionario cominciava a scomparire per far posto al politicante. Invece di destare le energie, egli tessé l'apologia dei pubblici poteri... e la giornata terminó senza alcuna sanzione!

« L'intimazione » al governo era stata fatta!

Si puó sognare qualche cosa di piú miserevole di questa meschina passeggiata.

In Italia

Il Primo Maggio in Italia non ebbe né il carattere pratico del Primo Maggio americano, né le tendenze politiche e l'inefficacia decorativa del Primo Maggio francese. Fu temuto come una rivoluzione, divenne in qualche cittá violento come una sommossa e lasció dietro sé ben pochi risultati.

E fu colpa dell'ambiente speciale in cui si svolse, nello stesso tempo che dei partiti e degli uomini.

Chi fra i nostri lettori ignora le tristi condizioni economiche e politiche dell'Italia, nell'epoca che corre fra il 1890 e 1898? La miseria cronica delle classi lavoratrici, la restrizione sistematica e progressiva delle libertá piú elementari, le sommosse degli affamati, represse immediatamente nel sangue, i processi al pensiero eterodosso sotto il titolo odioso dell'associazione dei malfattori, la dispendiosa politica africana e i furti sistematici nelle banche, tali furono le qualitá caratteristiche di questo periodo di tempo. Il movimento operaio d'altra parte non aveva ancora acquistato quella forza d'organizzazione e quell'esperienza della lotta che rendono ora cosí frequenti i conflitti fra capitale e lavoro.

L'idea del Primo Maggio, propagata da giornali democratici-sociali e socialisti-anarchici, assunse in tali condizioni di ambiente il carattere impreciso di una rivoluzione internazionale, divenne un incubo spaventoso pel governo e pei capitalisti, echeggió nell'anima degli operai come una speranza di vittoria, la probabilitá dell'emancipazione.

Sotto la minaccia d'essere rinviati da lavoro, gli operai scioperarono in massa; il governo, nella speranza di prevenire ogni moto violento, fece compiere molti arresti di sovversivi negli ultimi giorni che precedettero il Primo Maggio, fece consegnare le truppe, e la piú piccola dimostrazione fu pretesto sufficiente per caricare la folla. Ne risultarono dei conflitti violenti in varie cittá d'Italia; il piú grave fu quello di Roma, la truppa fece fuoco sulla folla, uccidendo alcuni operai e ferendone molti. Ne seguí naturalmente un processo *monstre* contro i socialisti-anarchici romani, grandioso per il numero dei processati, la purezza delle loro intenzioni e l'energia del loro carattere. Amilcare Cipriani, Galileo Palla, Pietro Calcagno e gli altri compagni furono considerati come malfattori; e un barone celebre giá nella storia patriottica, poscia nelle storie bancarie, il barone Nicotera, allora ministro dell'interno, pronunciava fra gli applausi dei deputati italiani una frase divenuta storica: « Passeró col cuore sanguinante sul corpo delle donne e dei fanciulli, pur di punire i colpevoli ». Tale fu sempre la condotta politica delle classi dirigenti italiane: esse seppero sfruttare a loro profitto le lotte del popolo italiano per ottenere l'indipendenza contro i dominatori stranieri e seppero poscia perpetuare i metodi di governo di questi ultimi. Per esse é delitto ogni idea di progresso ed é d'altra parte patriottica la rassegnazione supina alla miseria e all'oppressione. Ora solo, dopo tante lotte, si adattarono a riconoscere come un fatto compiuto le vittorie degli operai, aspettando peró il momento opportuno per pigliare la loro rivincita.

Negli anni successivi, altri avvenimenti piú gravi tolsero ogni importanza al Primo Maggio; i tumulti della Sicilia e della Lunigiana, i fatti d'Africa, la rivolta del 1898 ridussero il Primo Maggio ad una semplice data commemorativa. E tutti sanno come le commemorazioni abbondino nella storia di tutti i partiti italiani. Molte conferenze: le solite petizioni: gli arresti preventivi e di quando in quando alcuni morti e feriti.

Conclusione

Abbiamo visto in questa rapida rassegna tre caratteri differenti del Primo Maggio.

In Italia gli operai lo salutarono come una rivoluzione a data fissa. Le speranze degli operai furono deluse e per l'importanza degli avvenimenti e pei loro risultati. Le rivoluzioni a data fissa hanno tutt'al piú la portata di una ribellione, pur prescindendo dal fatto che le rivoluzioni non si improvvisano.

In Francia il Primo Maggio fu una passeggiata platonica e una petizione indecorosa ai Pubblici Poteri. La inefficacia di tale metodo é una condanna.

In America il Primo Maggio ebbe un programma limitato e preciso e fu coronato da ottimi risultati pratici. E' naturale peró che le manifestazioni del Primo Maggio non debbono distorci dal lavoro costante di ogni giorno, né consigliarci di rinviare a quella data ogni tentativo di emancipaztone e di azione rivoluzionaria.

* * *

In tali condizioni, quale sará l'avvenire del Primo Maggio?

Non la pretendiamo a profeti. Ma la sua evoluzione passata e lo stato attuale del movimento operaio, ci autorizzano a pensare che la portata sociale e il carattere pratico del Primo Maggio, nei varii paesi del mondo civile, saranno determinati dall'una o dall'altra delle due grandi tendenze che dividono ora, come hanno diviso sempre, i rivoluzionarii di ogni epoca e ogni paese.

Coi moderati il Primo Maggio diverrá una petizione ridicola o una festa inopportuna.

Coi rivoluzionari esso potrá assumere qualche volta il carattere pratico [illegible] Primo Maggio americano, sanzionare le lotte sostenute ogni anno, essere un mezzo eccellente di propaganda e di organizzazione. E siccome, nonostante gli orrori, le menzogne e le illusioni, l'esperienza finirá per convincere gli operai di ogni paese, noi salutiamo fin d'ora le lotte virili e vittoriose del proletariato internazionale contro il mondo borghese. Il Primo Maggio allora sará la festa gioconda del lavoro emancipato in usa societá libera e felice.

LUIGI BERTONI

Ginevra